

TRABALHO DOCENTE E SAÚDE MENTAL

TRAJETÓRIAS DA EDUCAÇÃO PÓS PANDEMIA

Franciele del Vecchio dos Santos
Gracielle Almeida de Aguiar



TERRIED

TRABALHO DOCENTE E SAÚDE MENTAL

TRAJETÓRIAS DA EDUCAÇÃO PÓS PANDEMIA

Franciele del Vecchio dos Santos
Gracielle Almeida de Aguiar



TERRIED

1.ª Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

Conselho Editorial

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Humberto Costa - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

TRABALHO DOCENTE E SAÚDE MENTAL TRAJETÓRIAS DA EDUCAÇÃO
PÓS PANDEMIA [livro eletrônico]. Franciele del Vecchio
dos Santos, Gracielle Almeida de Aguiar (Autoras) --
Alegrete, RS : Editora Terried, 2025.

64 págs. PDF

ISBN 978-65-83367-15-0

1. Educação

24-243051

CDD-918.16

Índices para catálogo sistemático:

1. Docência 90.16
2. Ensino 105.9



10.48209/978-65-83367-15-0



TERRIED

www.terried.com

contato@terried.com

(55) 99656-1914

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
CAPÍTULO 1	
Pandemia de Covid-19 e Educação à Distância: Reflexões sobre Saúde Mental e Desempenho Acadêmico dos Estudantes.....	8
<i>Gracielle Almeida de Aguiar</i>	
doi:	
CAPÍTULO 2	
Entre Telas e Salas de Aula: Impactos da Pandemia de Covid-19 na Saúde Emocional dos Docentes.....	21
<i>Gracielle Almeida de Aguiar</i>	
doi:	
CAPÍTULO 3	
O Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: Estratégias de Resistência e Criatividade.....	34
<i>Franciele Del Vecchio dos Santos</i>	
doi:	
CAPÍTULO 4	
Desafios Estruturais e Impactos Psicológicos ao Trabalho Docente no Contexto da Pandemia de Covid-19.....	47
<i>Franciele Del Vecchio dos Santos</i>	
doi:	
CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	63

PREFÁCIO

A pandemia de COVID-19 foi um marco transformador para a educação em todo o mundo, impondo desafios inéditos e remodelando práticas e concepções que por décadas são inabaláveis. Professores e estudantes foram subitamente lançados em um cenário de distanciamento físico, mediado por tecnologias que, embora promissoras, acentuaram desigualdades e suscitaram novas formas de desgaste emocional e psicológico. O retorno às salas de aula, por sua vez, trouxe à tona questões profundas sobre o papel da escola, a valorização do trabalho docente e a importância da promoção de um ambiente saudável para o ensino e a aprendizagem.

Este livro, *Trabalho Docente e Saúde Mental: Trajetórias da Educação Pós-Pandemia*, é uma contribuição valiosa para compreender essas transformações e as suas implicações no cotidiano escolar. Dividido em duas partes, ele se propõe a lançar um olhar abrangente sobre dois eixos centrais: o trabalho docente e a saúde mental de professores e estudantes. Ao explorar essas temáticas interligadas, o livro oferece reflexões essenciais para quem vive ou pesquisa a educação em tempos de incertezas e mudanças.

A primeira parte analisa os impactos da pandemia no desempenho acadêmico e no bem-estar emocional dos estudantes. O capítulo inicial, “Pandemia e educação à distância: Reflexões sobre saúde mental e desempenho acadêmico dos estudantes”, discute os efeitos do isolamento e do ensino remoto na construção do conhecimento e na vivência escolar. Em seguida, o capítulo “Entre telas e salas de aula: Impactos da pandemia de COVID-19 na saúde emocional dos docentes” aborda as tensões vividas pelos professores, que enfrentaram um período de adaptação forçada, muitas vezes com escasso suporte institucional.

Já a segunda parte aprofunda a discussão sobre o trabalho docente no cenário pandêmico, oferecendo uma análise sobre os desafios estruturais e psicológicos enfrentados pelos educadores e destacando as estratégias de resistência

e criatividade mobilizadas para assegurar a continuidade do processo educativo. Aqui, os artigos reunidos trazem reflexões fundamentais não apenas sobre as novas dinâmicas de ensino e aprendizagem, mas também os desafios de conciliar demandas pedagógicas crescentes com a saúde mental dos professores, que foram chamados a atuar como mediadores de um processo educativo nunca vivenciado.

O capítulo, *“Desafios Estruturais e Impactos Psicológicos ao Trabalho Docente no Contexto da Pandemia de COVID-19”*, examina os impactos multidimensionais enfrentados pelos educadores, com ênfase na sobrecarga, no isolamento e na falta de infraestrutura, além das consequências para a saúde mental dos professores. Por fim, o capítulo *“O Trabalho Docente na Pandemia de COVID-19: estratégias de resistência e criatividade”* reflete sobre as formas de enfrentamento e as iniciativas de organização coletiva dos educadores em meio a um cenário de intensificação das condições de trabalho precarizadas destacando as práticas pedagógicas inovadoras e as redes de apoio construídas pelos professores para superar os desafios impostos pelo ensino remoto emergencial.

Esta obra é um convite à reflexão crítica e ao diálogo. Em tempos de investigação, é urgente considerar o valor do trabalho docente e promover políticas e práticas que favoreçam a saúde integral de todos os envolvidos no processo educativo. Que as páginas a seguir inspirem professores, gestores, pesquisadores e demais interessados a contribuir para a construção de uma educação mais justa, acolhedora e resiliente.

Boa leitura!

CAPÍTULO 1

PANDEMIA DE COVID-19 E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE SAÚDE MENTAL E DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ESTUDANTES

Gracielle Almeida de Aguiar¹

Doi:

Resumo: O texto aborda os impactos da pandemia de COVID-19 no campo educacional, com foco nas consequências do ensino remoto emergencial para a saúde mental e o desempenho acadêmico dos estudantes. A transição abrupta para a educação à distância evidenciou desigualdades estruturais e sociais, além de sobrecarregar emocionalmente estudantes, educadores e famílias. Fatores como a exclusão digital, a falta de preparo pedagógico e o isolamento social contribuíram para um aumento nos casos de ansiedade, depressão e estresse, especialmente entre jovens em situação de vulnerabilidade. Pesquisas analisadas, como as de Silva et al. (2021) e Souza e Almeida (2023), indicam que a ausência de suporte psicológico e as incertezas geradas pela crise de saúde intensificaram os transtornos emocionais entre os estudantes, afetando sua capacidade de concentração e seu desempenho acadêmico. Paralelamente, Lima et al. (2022) e Costa e Mendes (2021) destacaram as disparidades de acesso a tecnologias, que resultaram em desempenhos acadêmicos desiguais, com estudantes de baixa renda enfrentando maiores desafios e índices mais elevados de evasão escolar. No entanto, o período também trouxe oportunidades para inovação e aprendizado. Estratégias como o uso de metodologias ativas, incluindo gamificação e aprendizagem baseada em projetos, mostraram-se eficazes em engajar os estudantes e mitigar os impactos negativos no ensino. Iniciativas de suporte psicológico remoto e políticas públicas para ampliar o acesso à tecnologia foram fundamentais para minimizar as desigualdades. A conclusão ressalta a necessidade de transformar os desafios enfrentados durante a pandemia em oportunidades de mudança. O texto enfatiza a importância de políticas públicas inclusivas, suporte à saúde mental e inovação pedagógica como pilares para construir um sistema

¹ Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria-RS. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4034786682126010>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1413-948X>.

educacional mais resiliente, equitativo e preparado para o futuro. Assim, as lições da pandemia devem servir de base para uma reestruturação que priorize a equidade e o bem-estar dos estudantes, fortalecendo o papel da educação como ferramenta de transformação social.

Palavras-chaves: Covid-19; Estudantes; Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, que teve início em 2020, gerou impactos profundos e imediatos em diversas esferas da sociedade, incluindo o setor educacional. A crise sanitária global levou ao fechamento abrupto de instituições de ensino em praticamente todos os países, como uma medida necessária para conter a propagação do vírus. Essa interrupção inesperada forçou a adoção de soluções emergenciais, entre as quais a transição em massa para a educação à distância (EaD) se destacou como a principal alternativa para garantir a continuidade do processo educacional. Embora tenha possibilitado que milhões de estudantes e professores mantivessem algum nível de interação acadêmica, a modalidade emergencial de ensino trouxe à tona desafios significativos que transcenderam o âmbito pedagógico, afetando também aspectos estruturais, sociais e emocionais do cotidiano de estudantes, educadores e famílias.

No âmbito da educação à distância, ficou evidente que essa modalidade não se tratava apenas de uma simples adaptação das estratégias pedagógicas presenciais para o formato online. Em muitos casos, foi uma solução improvisada, implantada às pressas, sem o devido planejamento e suporte técnico necessário. Essa improvisação trouxe consigo uma série de dificuldades, como a desigualdade no acesso à tecnologia, que escancarou as diferenças socioeconômicas entre os estudantes. Enquanto alguns dispunham de computadores pessoais, conexão estável à internet e um ambiente adequado para estudar, muitos outros enfrentavam barreiras como o compartilhamento de dispositivos, acesso limitado ou inexistente à internet e condições domésticas desfavoráveis ao aprendizado.

Além das questões estruturais, a EaD emergencial também destacou a ausência de capacitação adequada para os docentes, que precisaram reinventar suas práticas de ensino em um curto espaço de tempo. Professores enfrentaram o desafio de aprender a usar novas ferramentas tecnológicas enquanto lidavam com a pressão de manter o engajamento dos alunos em um ambiente virtual. Essa sobrecarga não foi exclusividade dos educadores; os estudantes também foram duramente impactados. A transição abrupta para o ensino remoto, somada ao isolamento social, resultou em uma sobrecarga emocional significativa. Estudos recentes apontaram para um aumento nos casos de ansiedade, depressão, estresse e outros transtornos psicológicos, especialmente entre jovens.

Para os estudantes, o impacto emocional refletiu diretamente em seu desempenho acadêmico. Dificuldades de concentração, falta de motivação e esgotamento foram apenas alguns dos efeitos colaterais relatados. A interação limitada com colegas e professores intensificou o sentimento de solidão e desconexão, enquanto a carga de tarefas e avaliações online muitas vezes parecia excessiva. Essas circunstâncias geraram uma oscilação no desempenho acadêmico, com muitos alunos enfrentando uma queda significativa no aproveitamento escolar. Em contrapartida, alguns poucos conseguiram se adaptar rapidamente, aproveitando os recursos tecnológicos disponíveis e mantendo a regularidade nos estudos, mas esses casos foram exceções dentro de um contexto majoritariamente desafiador.

Portanto, a discussão sobre a relação entre a pandemia e a educação vai muito além das adaptações no processo de ensino e aprendizagem. Ela abrange as implicações psicossociais que emergiram nesse contexto, os impactos sobre o bem-estar emocional dos envolvidos e os reflexos na qualidade do ensino como um todo. O cenário pandêmico revelou fragilidades estruturais há muito negligenciadas, ao mesmo tempo em que colocou em evidência a resiliência de estudantes e educadores diante de circunstâncias adversas.

Este artigo busca, portanto, aprofundar as reflexões sobre os efeitos do ensino remoto emergencial na saúde mental dos estudantes e no seu desempenho acadêmico, com base em uma análise crítica de publicações acadêmicas recentes

que abordam os desafios enfrentados durante a pandemia, destacando as implicações psicossociais, pedagógicas e estruturais desse período para o processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, foi utilizada uma abordagem de revisão bibliográfica. Esta é fundamentada nos princípios delineados por Marconi e Lakatos (2010), que destacam a revisão de literatura como uma abordagem essencial para a compreensão e análise crítica de fenômenos complexos, especialmente em contextos recentes e dinâmicos, como o impacto da pandemia na educação. Segundo as autoras, a pesquisa bibliográfica é definida como “o levantamento, a seleção e a análise de obras publicadas, como livros, artigos, dissertações e outras fontes documentais, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre determinado tema”.

Essa metodologia é particularmente relevante em estudos que envolvem temas amplos e interdisciplinares, pois permite a identificação de padrões, lacunas e tendências na produção acadêmica. Ao revisitar as contribuições de diferentes autores e perspectivas, a revisão bibliográfica possibilita uma análise sistemática e abrangente, auxiliando na formulação de hipóteses e no entendimento dos múltiplos aspectos do problema investigado.

Neste estudo, a escolha pela revisão bibliográfica justifica-se pela necessidade de compreender os impactos da pandemia no contexto educacional, abordando tanto a saúde mental dos estudantes quanto o desempenho acadêmico no ensino remoto. A análise baseou-se em obras selecionadas por meio de critérios rigorosos de qualidade, como artigos revisados por pares publicados em periódicos reconhecidos nas áreas de educação, psicologia e saúde. Dessa forma, a metodologia proposta por Marconi e Lakatos foi aplicada para garantir que os dados e discussões analisados fossem relevantes, confiáveis e adequados aos objetivos da pesquisa.

Portanto, embasado nesse referencial metodológico, o estudo não apenas sistematiza os principais achados da literatura recente sobre o tema, mas também contribui para o avanço do conhecimento ao identificar caminhos e estratégias para superar os desafios educacionais impostos pela pandemia.

Dessa forma, este estudo é centrado em publicações científicas publicadas entre os anos de 2020 e 2024. Esse recorte temporal foi escolhido por englobar o período de maior impacto da pandemia de COVID-19 na educação, incluindo as fases mais críticas do ensino remoto emergencial e os primeiros passos em direção à recuperação e adaptação ao “novo normal”. A delimitação temporal permite captar tanto as repercussões imediatas quanto as reflexões mais consolidadas sobre as transformações no setor educacional.

As bases de dados acadêmicas consultadas incluíram Google Scholar, Scopus, PubMed e JSTOR, todas amplamente reconhecidas por sua relevância na disseminação de artigos científicos revisados por pares. A busca foi conduzida utilizando as seguintes palavras-chave: “pandemia”, “educação à distância”, “saúde mental”, “desempenho acadêmico” e “ensino remoto”. Esses termos foram selecionados para abranger múltiplos aspectos do tema em questão, desde os impactos emocionais até as questões pedagógicas e estruturais do ensino remoto.

Inicialmente, foram identificados 230 artigos que abordavam tópicos relacionados ao objeto de estudo. Contudo, a análise mais detalhada considerou apenas 20 textos, selecionados com base em sua alta relevância e alinhamento direto aos objetivos da pesquisa. O número reduzido de artigos analisados reflete um critério rigoroso de inclusão, priorizando estudos que apresentavam discussões aprofundadas, dados empíricos robustos e perspectivas diversificadas sobre os efeitos da pandemia na saúde mental e no desempenho acadêmico dos estudantes.

Os artigos selecionados foram submetidos a uma análise qualitativa detalhada, com ênfase nas principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes, educadores e famílias no contexto da educação à distância emergencial. A análise também se concentrou nas estratégias de enfrentamento adotadas para mitigar os impactos negativos e nas soluções propostas para os desafios identificados.

As abordagens teóricas e empíricas contidas nos textos forneceram uma base sólida para entender as múltiplas dimensões do problema, incluindo os aspectos psicossociais, tecnológicos e educacionais. Esse enfoque reduzido, porém, direcionado, permitiu uma exploração mais profunda e qualitativa das questões em estudo, destacando as nuances e particularidades dos impactos da pandemia no setor educacional.

DISCUSSÃO DE LITERATURA

Impactos da Pandemia na Saúde Mental

Diversos estudos destacam o impacto prejudicial da pandemia na saúde mental dos estudantes, evidenciando que as mudanças abruptas no contexto educacional e social geraram um cenário desafiador e repleto de tensões emocionais. De acordo com Silva et al. (2021), os níveis de ansiedade e estresse aumentaram significativamente durante o período de ensino remoto emergencial. A transição abrupta para esse modelo, somada à falta de contato presencial com colegas e professores, promoveu sentimentos de solidão e desconexão entre os estudantes. Esses fatores psicológicos foram exacerbados pelo isolamento social prolongado, que reduziu as oportunidades de interação e apoio emocional essenciais para o bem-estar juvenil.

A sobrecarga acadêmica, outro elemento central identificado, intensificou essas dificuldades emocionais. Com o ensino remoto, muitos estudantes relataram dificuldade em equilibrar as tarefas escolares em um ambiente doméstico muitas vezes inadequado para o estudo. A ausência de uma estrutura fixa e os desafios tecnológicos, como acesso instável à internet ou falta de dispositivos, contribuíram para a sensação de frustração e impotência. Silva et al. (2021) observam que essa combinação de fatores resultou em um quadro generalizado de estresse, que comprometeu tanto o bem-estar emocional quanto o desempenho acadêmico dos estudantes.

Souza e Almeida (2023) corroboram essas análises ao enfatizar que, além do isolamento, a ausência de suporte psicológico estruturado foi um agravante

significativo. Durante a pandemia, muitos estudantes se viram desamparados, enfrentando sentimentos de incerteza quanto ao futuro acadêmico e profissional. Essa incerteza foi acompanhada pelo luto decorrente de perdas familiares e pelo medo contínuo de contágio pelo vírus, fatores que contribuíram para a intensificação dos sintomas de ansiedade e depressão. Segundo os autores, essas condições psicológicas não apenas afetaram o bem-estar geral dos estudantes, mas também prejudicaram habilidades cognitivas fundamentais, como a capacidade de concentração, a memória e o raciocínio crítico, elementos essenciais para o sucesso educacional.

Um ponto de destaque em estudos recentes foi a situação de estudantes em condições de vulnerabilidade social, que enfrentaram desafios ainda mais pronunciados. Oliveira et al. (2022) apontam que jovens de famílias de baixa renda foram particularmente afetados pelas limitações do ensino remoto. Esses estudantes, muitas vezes, não dispunham de um ambiente adequado para o estudo, como um espaço silencioso ou materiais escolares básicos. Além disso, as dificuldades financeiras, agravadas pela crise econômica que acompanhou a pandemia, aumentaram a pressão sobre esses jovens, que muitas vezes assumiram responsabilidades domésticas ou buscaram formas de contribuir para o sustento familiar.

Essa combinação de fatores contribuiu para um aumento nos índices de evasão escolar entre os estudantes mais vulneráveis. Sem o suporte necessário e enfrentando barreiras estruturais e emocionais significativas, muitos jovens abandonaram os estudos, o que levanta questões preocupantes sobre o impacto a longo prazo da pandemia na equidade educacional e nas oportunidades futuras. Os dados apresentados por Oliveira et al. (2022) evidenciam que a desigualdade, já presente no sistema educacional, foi amplificada durante o período pandêmico, exigindo respostas imediatas e estratégias de mitigação para evitar que seus efeitos se perpetuem nas gerações futuras.

Portanto, a pandemia revelou fragilidades significativas na estrutura educacional e na rede de suporte psicológico disponível para os estudantes. Esses

desafios destacam a necessidade de políticas públicas que abordem não apenas o aspecto pedagógico, mas também os fatores emocionais e sociais que influenciam diretamente o desempenho acadêmico e o bem-estar dos alunos, especialmente os mais vulneráveis.

Desempenho Acadêmico e Desigualdade Digital

No que diz respeito ao desempenho acadêmico, a pandemia expôs de forma contundente as desigualdades preexistentes no acesso à educação, aprofundando lacunas já existentes e criando novos desafios para estudantes e educadores. Lima et al. (2022) conduziram uma pesquisa que evidenciou a exclusão digital como um dos maiores obstáculos ao sucesso do ensino remoto emergencial. Esse problema se manifestou de maneira distinta entre os diferentes grupos sociais, com estudantes de famílias de maior poder aquisitivo tendo acesso a computadores pessoais, internet de alta velocidade e ambientes domésticos adequados para estudo.

Por outro lado, uma parcela significativa da população escolar precisou lidar com condições muito mais adversas, como a dependência de dispositivos compartilhados, conexões de internet instáveis ou, em casos mais extremos, a total ausência de acesso à tecnologia necessária para acompanhar as aulas.

Essas desigualdades tecnológicas foram refletidas diretamente no desempenho acadêmico dos estudantes. De acordo com Costa e Mendes (2021), jovens com melhores condições tecnológicas demonstraram maior facilidade de adaptação ao ensino remoto e, por consequência, obtiveram melhores resultados em termos de notas e desempenho geral. Isso se deve não apenas à disponibilidade de recursos, mas também ao fato de que ambientes mais estruturados promovem maior concentração e eficiência no aprendizado. Em contraste, estudantes que enfrentaram limitações tecnológicas tiveram dificuldades significativas para acessar conteúdos, participar de atividades e interagir com professores e colegas, o que comprometeu seu engajamento com o processo de aprendizagem.

Além disso, o impacto dessas desigualdades não se limitou apenas ao âmbito acadêmico. A sobrecarga emocional gerada por essas condições adversas também contribuiu para a queda no desempenho escolar. Para estudantes de baixa renda, a pressão de lidar com a falta de recursos tecnológicos foi exacerbada por responsabilidades domésticas adicionais, como cuidar de irmãos mais novos ou ajudar nas tarefas de casa, especialmente em um contexto de crise econômica agravada pela pandemia. Essas múltiplas demandas interferiram na capacidade desses jovens de se dedicar às atividades escolares, o que resultou em notas mais baixas, aumento nos índices de reprovação e, em muitos casos, abandono escolar.

Outro aspecto relevante destacado na literatura é a dificuldade dos professores em oferecer suporte individualizado no contexto do ensino remoto. Com a distância física e a limitação de recursos, muitos educadores enfrentaram obstáculos para identificar os estudantes que estavam com dificuldades e fornecer a ajuda necessária. Isso fez com que os alunos que já enfrentavam desafios acadêmicos antes da pandemia fossem ainda mais impactados negativamente, ampliando as disparidades no aprendizado.

Adicionalmente, a ausência de avaliações diagnósticas efetivas durante o ensino remoto dificultou a identificação de lacunas no aprendizado. Como resultado, muitos estudantes progrediram para etapas mais avançadas da educação sem dominar habilidades básicas, o que pode ter impactos de longo prazo em seu desempenho acadêmico e em sua trajetória educacional futura. Segundo Costa e Mendes (2021), essa defasagem de aprendizado, combinada com as desigualdades no acesso à tecnologia, não apenas comprometeu os resultados acadêmicos imediatos, mas também criou desafios que demandarão intervenções prolongadas para serem solucionados.

Portanto, a pandemia não apenas revelou as fragilidades do sistema educacional, mas também acentuou desigualdades já existentes. Para mitigar esses efeitos e promover a equidade no acesso à educação, é imprescindível a formulação de políticas públicas voltadas para a inclusão digital, o fortalecimento do suporte pedagógico e a criação de estratégias que reduzam as barreiras enfrentadas

por estudantes em situação de vulnerabilidade. Essas medidas são fundamentais para assegurar que os impactos negativos da pandemia não se perpetuem nas gerações futuras.

Estratégias de Mitigação

Apesar dos desafios enfrentados durante a pandemia, diversas estratégias inovadoras foram implementadas para mitigar seus impactos na saúde mental e no desempenho acadêmico dos estudantes. Algumas escolas e universidades investiram significativamente em programas de suporte psicológico, oferecendo atendimento remoto por profissionais de saúde mental e criando grupos de apoio voltados aos estudantes mais vulneráveis. Essas iniciativas foram essenciais para proporcionar acolhimento emocional e ajudar os alunos a lidarem com sentimentos de ansiedade, isolamento e incerteza. Além disso, políticas públicas desempenharam um papel crucial, com medidas como a distribuição de equipamentos eletrônicos, a ampliação do acesso à internet e a criação de centros comunitários de conectividade. Essas ações foram fundamentais para reduzir as desigualdades digitais e permitir que estudantes de diferentes contextos sociais tivessem melhores condições de acessar o ensino remoto.

No âmbito pedagógico, iniciativas criativas e adaptativas foram essenciais para engajar os estudantes e promover a continuidade do aprendizado. Metodologias ativas, como a gamificação, a aprendizagem baseada em projetos e o ensino híbrido, se destacaram como ferramentas eficazes para combater a sensação de monotonia e alienação associada ao ensino remoto. Ferreira et al. (2023) apontam que abordagens interativas e personalizadas não apenas melhoraram o desempenho acadêmico dos estudantes, mas também contribuíram positivamente para seu bem-estar psicológico, criando uma sensação de pertencimento e entusiasmo no processo de aprendizado. Essas estratégias demonstraram que a inovação pedagógica pode desempenhar um papel central na promoção de experiências educacionais mais inclusivas e motivadoras.

Além disso, muitas instituições buscaram capacitar seus educadores para lidar com os desafios do ensino remoto. Treinamentos focados no uso de ferramentas tecnológicas, na condução de aulas interativas e na identificação de sinais de sofrimento emocional nos estudantes ajudaram os professores a desempenharem um papel mais ativo e eficiente durante a pandemia. Essa preparação foi especialmente importante em contextos de maior vulnerabilidade, onde os educadores frequentemente serviram como pontes entre os estudantes e os recursos disponíveis.

Outro aspecto relevante foi o fortalecimento da colaboração entre escolas, famílias e comunidades. Muitas escolas implementaram estratégias para envolver os pais e responsáveis no processo educacional, promovendo reuniões virtuais e fornecendo orientações sobre como apoiar os estudantes em casa. Essa parceria contribuiu para criar redes de suporte mais amplas, que ajudaram a mitigar os efeitos da pandemia tanto no aspecto acadêmico quanto emocional.

CONCLUSÃO

A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças profundas e multifacetadas para o campo educacional, revelando tanto as limitações estruturais e sociais da educação à distância quanto a capacidade de adaptação e a resiliência de estudantes, educadores e instituições. As desigualdades de acesso à tecnologia, os impactos negativos na saúde mental e os desafios para garantir a continuidade e a qualidade do ensino foram amplamente evidenciados, colocando em destaque a necessidade urgente de reformulações significativas no sistema educacional. No entanto, o período também mostrou o potencial de soluções inovadoras e inclusivas, indicando caminhos para superar os desafios e criar um modelo educacional mais justo e sustentável.

As lições aprendidas durante a pandemia não devem ser encaradas apenas como respostas a uma crise temporária, mas como um ponto de partida para uma transformação de longo prazo. A experiência ressaltou a importância de políticas públicas robustas que promovam a inclusão digital, a ampliação do acesso a

serviços de saúde mental e a capacitação contínua de educadores para lidar com as complexas demandas do ensino contemporâneo. Também ficou evidente que a integração de tecnologias e metodologias ativas no ambiente educacional pode contribuir para engajar os estudantes e tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo.

Portanto, mais do que nunca, a colaboração entre governos, instituições de ensino, comunidades e famílias se mostra essencial para construir um sistema educacional resiliente, capaz de atender às necessidades de todos os estudantes, independentemente de sua origem ou condição social. A crise reforçou a importância de colocar a equidade e o bem-estar no centro das políticas educacionais, para que nenhum estudante fique para trás em situações de emergência ou em tempos de normalidade.

Sendo assim, o legado da pandemia deve ir além da recuperação dos prejuízos imediatos. Ele deve inspirar um compromisso renovado com a inovação, a inclusão e o desenvolvimento humano, transformando os desafios enfrentados em alicerces para um futuro educacional mais inclusivo, adaptável e preparado para as incertezas. Este momento histórico deve servir como catalisador para a construção de uma educação que seja não apenas um direito universal, mas também um instrumento eficaz de transformação social e individual.

REFERÊNCIAS

COSTA, A.; MENDES, R. Impactos do ensino remoto emergencial no desempenho acadêmico dos estudantes: um estudo durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. 4, p. 34-49, 2021.

FERREIRA, L.; SANTOS, P.; OLIVEIRA, M. Metodologias ativas no ensino remoto: um estudo sobre gamificação e aprendizagem baseada em projetos. *Educação e Pesquisa*, v. 49, n. 2, p. 120-135, 2023.

LIMA, J.; SILVA, R.; OLIVEIRA, F. Exclusão digital e desigualdades educacionais em tempos de pandemia: desafios e perspectivas. *Revista de Estudos Sociais e Educacionais*, v. 18, n. 1, p. 22-39, 2022.

OLIVEIRA, T.; SILVA, C.; CARVALHO, D. Vulnerabilidades sociais e saúde mental de estudantes no contexto da pandemia de COVID-19. *Psicologia & Educação*, v. 34, n. 3, p. 78-95, 2022.

SILVA, M.; ALMEIDA, G.; COSTA, L. Saúde mental de estudantes durante a pandemia: um estudo longitudinal. *Psicologia em Foco*, v. 27, n. 3, p. 56-71, 2021.

SOUZA, R.; ALMEIDA, P. Ansiedade, depressão e incerteza: reflexões sobre a saúde mental de estudantes no ensino remoto emergencial. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 28, n. 1, p. 44-60, 2023.

CAPÍTULO 2

ENTRE TELAS E SALAS DE AULA: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE EMOCIONAL DOS DOCENTES

Gracielle Almeida de Aguiar²

Doi:

Resumo: A pandemia de COVID-19 desencadeou mudanças profundas no sistema educacional, expondo professores a desafios técnicos, emocionais e estruturais. A transição abrupta para o ensino remoto emergencial forçou a adaptação de metodologias pedagógicas e o domínio de tecnologias em curto prazo, muitas vezes sem suporte institucional ou treinamento adequado. Essa situação resultou em aumento da carga de trabalho, sobreposição entre demandas profissionais e pessoais, além de impactos emocionais significativos, como estresse, ansiedade e sentimentos de inadequação profissional. O isolamento social agravou essas dificuldades, intensificando a desconexão com alunos e colegas. Com o retorno às aulas presenciais, novos desafios emergiram, incluindo a necessidade de lidar com alunos emocionalmente fragilizados, defasagens pedagógicas e pressão para recuperar o “tempo perdido”. O cenário trouxe à tona a vulnerabilidade dos professores frente à falta de políticas de suporte efetivas, contribuindo para um aumento dos índices de burnout e adoecimento mental. Apesar disso, os docentes demonstraram resiliência ao adotar estratégias como exercícios físicos, redes de apoio social e acesso a serviços de saúde mental. Capacitações institucionais e suporte psicológico também foram ferramentas importantes para minimizar os impactos negativos da pandemia. A crise sanitária evidenciou a necessidade de políticas públicas que priorizem o bem-estar docente, incluindo formação continuada, redução da sobrecarga de trabalho e valorização profissional. Programas de prevenção ao estresse e investimentos em infraestrutura educacional são essenciais para mitigar os efeitos de

² Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria-RS. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4034786682126010>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1413-948X>.

crises futuras. O reconhecimento do papel central dos professores para a qualidade da educação é urgente. O debate sobre as lições da pandemia deve levar à formulação de estratégias que promovam ambientes de trabalho mais saudáveis, sustentáveis e valorizem os docentes como agentes indispensáveis no processo educacional.

Palavras-chaves: Saúde mental docente; Ensino remoto; Valorização profissional.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 impôs uma reconfiguração abrupta ao cotidiano escolar, modificando de forma inesperada as dinâmicas educacionais e forçando uma quase que imediata de um modelo tradicional de ensino para o ensino remoto. A adaptação às novas realidades digitais resultou que os professores enfrentaram uma transição radical em um espaço de tempo muito curto, o que gerou uma série de desafios tanto em termos técnicos quanto emocionais. A adoção do ensino remoto emergencial, embora necessária, foi uma solução temporária que trouxe um conjunto de obstáculos imprevistos, especialmente no que se refere ao uso de novas tecnologias, às condições de trabalho impostas e à saúde mental dos docentes.

Essa migração para ambientes virtuais impõe aos professores a tarefa de aprender rapidamente a utilizar ferramentas digitais, criar materiais adequados e interagir com os alunos em plataformas virtuais. Para muitos docentes, a falta de preparo técnico e a escassez de apoio institucional agravaram ainda mais a situação, levando a um aumento específico do estresse e da sobrecarga emocional. A interação limitada com os alunos, a dificuldade em avaliar o aprendizado e a necessidade de reinventar as práticas pedagógicas tradicionais para o formato digital representam desafios significativos, especialmente para aqueles professores que já enfrentavam sobrecarga de trabalho antes da pandemia.

Além disso, muitos professores enfrentaram dificuldades relacionadas ao espaço físico ao ministrarem suas aulas, já que o trabalho remoto se deu, em grande parte, dentro de suas próprias casas, onde a separação entre o ambiente profis-

sional e pessoal foi diluída. Esse cenário de confinamento aumentou a sensação de isolamento, a ausência de fronteiras claras entre o trabalho e a vida pessoal contribuíram para uma intensificação do estresse e da ansiedade. A sobrecarga de tarefas, a constante necessidade de adaptação e a ausência de contato direto com colegas e alunos aprofundaram o impacto emocional dessa transição forçada.

Quando a educação começou o retorno ao modelo presencial, novos desafios emergiram, com a retomada das aulas presenciais ocorrendo em um contexto de incertezas e vulnerabilidades, tanto sanitárias quanto emocionais. O medo da contaminação, as constantes mudanças nas orientações governamentais e a necessidade de adaptação ao distanciamento social, junto ao uso de equipamentos de proteção individual, colocaram uma enorme pressão sobre os docentes. Para muitos, a experiência do retorno às salas de aula foi ainda mais desgastante, pois as tensões acumuladas durante o período remoto se somaram às novas exigências do ensino presencial, criando um ambiente de pressão constante.

Quando a educação começou o retorno ao modelo presencial, novos desafios emergiram, com a retomada das aulas presenciais ocorrendo em um contexto de incertezas e vulnerabilidades, tanto sanitárias quanto emocionais. O medo da contaminação, as constantes mudanças nas orientações governamentais e a necessidade de adaptação ao distanciamento social, junto ao uso de equipamentos de proteção individual, colocaram uma enorme pressão sobre os docentes. Para muitos, a experiência do retorno às salas de aula foi ainda mais desgastante, pois as tensões acumuladas durante o período remoto se somaram às novas exigências do ensino presencial, criando um ambiente de pressão constante.

Esse cenário gerou novas pressões sobre os professores, que, além de retomar suas atividades presenciais, precisaram lidar com um aumento significativo nas demandas emocionais dos alunos e das famílias. Muitos estudantes chegaram às salas de aula com defasagens pedagógicas, dificuldades de socialização e questões de saúde mental agravadas pelo isolamento. Nesse contexto, os professores não apenas assumem o papel de educadores, mas também o de mediadores de conflitos e apoiadores emocionais.

Além disso, houve a necessidade de revisar e adaptar os planos pedagógicos para atender a diferentes níveis de aprendizagem dentro da mesma turma, exigindo criatividade e resiliência. A sobrecarga física e mental tornou-se uma constante, agravada pela falta de recursos em algumas instituições e pela incerteza quanto à estabilidade das condições de trabalho.

Assim, o retorno ao modelo presencial trouxe à tona a urgência de se investir em políticas públicas que valorizem o professor, promovam sua formação continuada e cuidem de sua saúde mental, reconhecendo que o papel dos docentes é essencial não apenas para o progresso acadêmico, mas também para o bem-estar integral dos estudantes. Dessa forma, o retorno ao ensino presencial revelou-se um momento de transição delicado, marcado pela sobreposição de desafios emocionais e profissionais enfrentados pelos docentes.

Este texto busca explorar os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde emocional dos professores, analisando como a experiência de ensino entre telas e, posteriormente, em salas de aula transformaram suas práticas e expôs a necessidade de estratégias institucionais para o cuidado com o bem-estar desses profissionais. A reflexão aqui proposta destaca a urgência de compreender e atenuar os efeitos dessa crise na educação, valorizando os professores como agentes fundamentais para a revelação do ambiente escolar em tempos de adversidade.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido com base na metodologia de revisão bibliográfica, uma abordagem fundamental para sintetizar, organizar e analisar o conhecimento já produzido sobre determinado tema. Conforme enfatiza Gil (2024), a revisão bibliográfica não apenas auxilia na compreensão das contribuições existentes, mas também permite ao pesquisador identificar lacunas no campo de estudo, evidenciando oportunidades para novas investigações. Essa metodologia se destaca por sua capacidade de integrar e contextualizar informações oriundas de diversas fontes, oferecendo uma visão ampla e crítica sobre o objeto de estudo.

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados artigos científicos, livros, teses e publicações recentes, compreendendo o período de 2020 a 2024, disponíveis nas bases de dados Scielo, Google Scholar e PubMed. Esses repositórios foram escolhidos devido à sua relevância e à diversidade de publicações que abrangem aspectos educacionais, psicológicos e sociais relacionados ao impacto da pandemia de COVID-19 nos docentes. O processo de seleção dos materiais exige critérios rigorosos de qualidade, priorizando textos revisados por pares e com metodologia robustas.

De acordo com Bardin (2016), o uso do método de revisão bibliográfica permite uma análise crítica e reflexiva de um volume significativo de informações, possibilitando que o pesquisador construa uma argumentação sólida e bem fundamentada. Nesse sentido, foi realizada uma leitura analítica dos textos selecionados, identificando pontos de convergência e divergência nas abordagens dos autores sobre os impactos emocionais e profissionais enfrentados pelos professores durante e após o período pandêmico. Assim, o presente estudo proporciona uma busca por uma discussão profunda e embasada, ampliando a compreensão sobre as transformações vivenciadas no campo educacional e suas repercussões para a saúde emocional dos docentes.

Discussão de Literatura

A literatura sobre os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde emocional dos docentes aponta para um cenário de profundas transformações e desafios, evidenciando uma crise no setor educacional que vai além das questões pedagógicas. Estudos destacam que o isolamento social, o ensino remoto emergencial e o retorno ao presencial ampliaram as pressões sobre os professores, expondo fragilidades emocionais e estruturais no sistema educacional.

Pesquisas como de Souza e Oliveira (2022) enfatizam que a necessidade de adaptação rápida às tecnologias digitais gerou ansiedade, estresse e sensação de inadequação, especialmente entre os docentes menos familiarizados com o

ambiente virtual. Além disso, uma dupla jornada de trabalho, marcada pela sobreposição entre demandas profissionais e pessoais, esforçou-se para o desgaste emocional, especialmente entre docentes que conciliavam o ensino com cuidados domésticos ou familiares.

Outro aspecto amplamente discutido na literatura é o impacto das mudanças na dinâmica da relação professor-aluno. De acordo com Lima et al. (2023), a ausência de contato presencial dificultou a criação de vínculos afetivos e a compreensão das necessidades emocionais dos estudantes, fazendo com que os professores se sentissem desamparados em sua função pedagógica e afetiva. O retorno às aulas presenciais, por sua vez, apresentou novos desafios, como lidar com alunos emocionalmente fragilizados, defasagens de aprendizagem e a pressão para recuperar o tempo “perdido” durante o ensino remoto. Essas demandas adicionais ampliaram o sentimento de esgotamento emocional, que já era significativo antes da pandemia.

Além disso, muitos estudos apontam para a insuficiência de políticas institucionais de apoio aos professores durante e após a pandemia. Conforme argumentam Santos e Ribeiro (2022), a falta de treinamento adequado para o ensino remoto, combinada com a ausência de suporte psicológico, reforça um ciclo de sobrecarga emocional nos docentes. O ambiente escolar, que deveria funcionar como um espaço de acolhimento e suporte mútuo, muitas vezes se tornou fonte de tensão e cobrança excessiva, levando a um aumento nos índices de burnout e adoecimento mental entre os professores.

A pandemia de COVID-19 trouxe desafios inéditos para os professores em todo o mundo, impactando significativamente sua saúde mental. A transição abrupta para o ensino remoto, a sobrecarga de trabalho e as demandas emocionais relacionadas à adaptação de novas metodologias de ensino, somadas às incertezas sanitárias e econômicas, criaram um cenário de estresse contínuo e esgotamento emocional. Esse impacto foi amplamente documentado na literatura científica, destacando o papel de fatores individuais, institucionais e contextuais no agravamento ou mitigação desses problemas.

A transição repentina para o ensino remoto emergencial colocou os professores diante de um cenário desafiador, no qual precisaram dominar ferramentas tecnológicas e metodologias inovadoras em um curto período. Essa adaptação foi, muitas vezes, feita sem treinamento adequado ou suporte técnico suficiente, o que aumentou a complexidade do trabalho docente (Souza et al., 2020). Além disso, o aumento da carga de trabalho se tornou evidente, uma vez que os professores precisaram revisar planejamentos pedagógicos, adaptar conteúdos ao formato digital e preparar materiais diversificados para atender às necessidades de alunos com diferentes níveis de acesso à tecnologia (Oliveira et al., 2021).

Para muitos, a ausência de infraestrutura adequada, como computadores pessoais de qualidade e conexão estável à internet, tornou a experiência ainda mais angustiante. Professores que não dispunham desses recursos enfrentaram dificuldades tanto na preparação quanto na execução das aulas, o que gerou sentimentos de inadequação profissional e ansiedade constante. A pressão para manter altos padrões de ensino em um formato desconhecido foi especialmente desafiadora para docentes de áreas que tradicionalmente dependem de práticas presenciais, como educação física, artes e laboratórios científicos.

Esse contexto ressaltou desigualdades estruturais já existentes no sistema educacional, expondo tanto professores quanto estudantes a condições de trabalho e aprendizagem precárias. A falta de políticas públicas eficazes para a universalização do acesso à tecnologia agravou ainda mais essas dificuldades, transformando a adaptação ao ensino remoto em uma das principais fontes de estresse e desgaste emocional para os educadores.

Dessa forma, a literatura evidencia a necessidade de uma abordagem sistêmica para lidar com os impactos emocionais vivenciados pelos docentes. É fundamental que se implementem políticas públicas que priorizem o bem-estar desses profissionais, oferecendo suporte psicológico, formação continuada e melhores condições de trabalho, tanto em contextos presenciais quanto em possíveis situações futuras de ensino remoto.

Síndrome de Burnout e Saúde Mental

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona e amplificou o problema da síndrome de Burnout entre os professores, uma condição que já era prevalente na profissão devido à natureza altamente demandante do trabalho docente (Freudenberger, 1974; Maslach & Jackson, 1981). No contexto pandêmico, a exaustão emocional tornou-se uma característica quase universal, resultante de jornadas de trabalho extensas, aumento das demandas emocionais e a dificuldade em equilibrar a vida pessoal e profissional.

O levantamento de Figueiredo et al. (2022) revelou que cerca de 70% dos professores relataram níveis elevados de estresse durante a pandemia. Essa situação foi particularmente crítica entre aqueles que acumulavam funções, como cuidar de familiares, especialmente crianças e idosos, enquanto tentavam cumprir suas responsabilidades profissionais. Essa sobreposição de papéis gerou um esgotamento físico e emocional que impactou diretamente sua produtividade e saúde.

Outro fator agravante foi a percepção de falta de apoio institucional e social. Muitos professores sentiram-se isolados e desvalorizados, o que contribuiu para sentimentos de despersonalização, um dos sintomas clássicos do Burnout. A redução na realização pessoal, outro componente central da síndrome, foi exacerbada pela dificuldade de avaliar o impacto das aulas remotas sobre a aprendizagem dos alunos, deixando os docentes inseguros quanto à efetividade de seu trabalho.

Esses dados ressaltam a necessidade de estratégias preventivas e intervenções para lidar com o Burnout docente, que vão desde suporte psicológico individualizado até a criação de políticas institucionais que promovam ambientes de trabalho mais saudáveis e menos estressantes.

Impacto Emocional do Isolamento Social

O isolamento social imposto pelas medidas de contenção da COVID-19 também desempenhou um papel significativo no impacto emocional vivido pelos professores. Além do afastamento físico das salas de aula, muitos professores enfrentaram a solidão causada pela falta de interação presencial com alunos e colegas, o que aumentou sentimentos de desconexão e tristeza (Costa et al., 2021). Essa ausência de contato humano, somada às preocupações relacionadas à saúde e à economia, criou um ambiente de incerteza e vulnerabilidade emocional.

O medo constante de contrair ou transmitir o vírus tornou-se uma fonte adicional de estresse, especialmente para aqueles que possuíam familiares no grupo de risco. Em muitos casos, esse medo foi exacerbado pela necessidade de voltar ao trabalho presencial antes que condições de segurança adequadas fossem garantidas. Para os professores que dependiam do ambiente escolar como espaço de socialização e troca de experiências, o isolamento agravou sintomas de ansiedade e depressão. A perda de rotinas estabelecidas e a dificuldade em estabelecer novos hábitos no contexto doméstico contribuíram para o sentimento de desamparo.

Esses impactos emocionais demonstram a importância de um olhar mais atento para a saúde mental dos professores, especialmente em situações de crise. É necessário promover ações que incentivem a interação social segura e iniciativas que ofereçam suporte emocional durante e após períodos de isolamento, reconhecendo que o bem-estar dos professores é indispensável para a qualidade do ensino e da educação.

Resiliência e estratégias de enfrentamento

Apesar das adversidades, diversos estudos identificaram estratégias que os professores utilizaram para lidar com os desafios impostos pela pandemia, evidenciando a resiliência e a capacidade de adaptação desses profissionais diante de um cenário de extrema dificuldade. Entre as principais estratégias, destaca-se a prática de exercícios físicos, que contribuiu para a redução do estresse, melhora

do humor e fortalecimento da saúde física e mental. Atividades como caminhadas, yoga, dança e exercícios em casa foram amplamente adotadas como formas de aliviar tensões acumuladas e manter uma rotina saudável em um contexto de isolamento social.

A manutenção de redes de apoio social, mesmo que de forma virtual, foi outro elemento crucial para a preservação do equilíbrio emocional. Grupos em plataformas digitais e aplicativos de mensagens permitiram que professores compartilhassem experiências, dificuldades e soluções práticas, fortalecendo laços de solidariedade e pertencimento. Essas interações foram especialmente importantes para combater sentimentos de isolamento, promovendo suporte emocional mútuo entre colegas de profissão e familiares.

Além disso, o acesso a serviços de saúde mental, como terapias psicológicas online e grupos de acolhimento, foi destacado como um fator protetivo significativo. Tais serviços, oferecidos tanto por iniciativa própria quanto por instituições educacionais e governamentais, proporcionaram um espaço seguro para os docentes processarem as angústias e desafios enfrentados, além de oferecerem estratégias específicas de enfrentamento emocional e profissional.

No âmbito institucional, iniciativas como a oferta de capacitações e suporte psicológico também demonstraram eficácia na mitigação dos impactos negativos. A capacitação para o uso de ferramentas tecnológicas e metodologias do ensino remoto emergencial foi essencial para reduzir o sentimento de insegurança e aumentar a confiança dos professores em sua capacidade de adaptação. Além disso, o suporte psicológico institucional, por meio de programas de acompanhamento ou canais abertos para escuta ativa, desempenhou um papel importante na redução da sensação de sobrecarga e na promoção de um ambiente mais acolhedor.

Essas estratégias não apenas minimizaram os impactos da pandemia na saúde mental dos professores, mas também evidenciaram a importância de um suporte sistêmico, que valorize o bem-estar docente e promova condições mais humanas e sustentáveis para o exercício da profissão, independentemente do contexto.

Perspectivas para o futuro

A pandemia evidenciou a necessidade urgente de políticas públicas que promovam o bem-estar docente, considerando que a saúde física e mental dos professores é um pilar fundamental para a qualidade do processo educativo. De acordo com Moreira e Santos (2022), o fortalecimento da rede de apoio aos professores, aliado a ações de formação continuada, pode contribuir significativamente para a construção de um ambiente de trabalho mais saudável e resiliente. Tais redes de apoio devem incluir não apenas suporte emocional e psicológico, mas também medidas que aliviem a sobrecarga de trabalho e promovam o equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

A implementação de programas de prevenção e manejo do estresse ocupacional também é essencial. Esses programas podem incluir iniciativas como grupos de apoio, acesso facilitado a terapias psicológicas, promoção de atividades físicas e momentos de pausa planejados durante a jornada de trabalho. Além disso, políticas educacionais que garantam recursos adequados para a prática docente – como infraestrutura, tecnologias, materiais pedagógicos e condições dignas de trabalho – têm papel crucial para minimizar o impacto das demandas excessivas sobre os professores.

A valorização profissional e o reconhecimento social dos docentes também devem ser priorizados. Professores frequentemente enfrentam desvalorização social e salarial, que agravam as pressões do dia a dia. Campanhas públicas para conscientizar a sociedade sobre a importância do trabalho docente, aliadas a reajustes salariais e benefícios, são ferramentas indispensáveis para aumentar o bem-estar e a motivação dos profissionais da educação.

Por fim, é fundamental que a saúde mental dos docentes seja reconhecida como um componente essencial para a qualidade da educação. Programas voltados ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos professores não só contribuem para o enfrentamento das adversidades, mas também favorecem a construção de uma cultura escolar mais empática e colaborativa. A educação de qualidade depende diretamente de educadores saudáveis, motivados e apoiados por um sistema que valorize e respeite suas demandas humanas e profissionais.

CONCLUSÃO

Os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde emocional dos docentes revelaram vulnerabilidades preexistentes no sistema educacional, que foram amplificadas pela crise sanitária. A sobrecarga de trabalho, a adaptação às tecnologias emergenciais e a necessidade de lidar com as novas dinâmicas emocionais e pedagógicas colocaram os professores em uma posição de extremo desgaste. Mais do que uma crise momentânea, a pandemia expõe a urgência de reavaliar as condições de trabalho dos docentes e de implementar políticas que valorizem e protejam sua saúde mental e emocional.

O retorno ao ensino presencial não eliminou os desafios, mas os transformou. As defasagens de aprendizagem, os alunos emocionalmente fragilizados e as pressões institucionais para “recuperar o tempo perdido” realizam um ambiente de trabalho ainda mais desafiador para os educadores. Nesse contexto, a falta de suporte estruturado evidenciou a necessidade de mudanças profundas no modelo educacional, que devem priorizar não apenas os resultados acadêmicos, mas também o bem-estar integral de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, é necessário que o debate sobre os impactos emocionais da pandemia nos docentes seja um ponto de partida para a formulação de estratégias rigorosas. Investir em formação continuada, oferecer suporte psicológico e reavaliar a carga de trabalho dos professores são medidas essenciais para garantir uma educação de qualidade e sustentável. Além disso, reconhecer o papel central dos docentes na sobrevivência do ambiente escolar pós-pandemia é um passo fundamental para valorizar a profissão e fortalecer o sistema educacional como um todo. A superação dos desafios impostos pela pandemia exige um esforço conjunto que não apenas reconheça, mas atua com cuidado aqueles que são o coração da educação: os professores.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2024.
- SOUZA, JF; PEREIRA, MR Impactos do ensino remoto na saúde mental dos docentes durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, v. 4, pág. 45-59, 2021.
- LIMA, J.; SILVA, M.; CARVALHO, R. Impactos emocionais e pedagógicos do ensino remoto nos docentes durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 1, pág. 45-62, 2023.
- SANTOS, A.; RIBEIRO, F. Saúde mental dos professores em tempos de pandemia: desafios e perspectivas para o futuro. *Psicologia e Educação*, v. 02, n. 3, p. 27-41, 2022.
- SOUZA, P.; OLIVEIRA, T. Adaptação tecnológica e saúde emocional: o ensino remoto emergencial sob a ótica dos professores. *Cadernos de Pesquisa Educacional*, v. 2, pág. 89-105, 2022.
- COSTA, M. L. et al. Impactos do isolamento social na saúde mental docente durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. 4, p. 123-145, 2021.
- FIGUEIREDO, A. M. et al. Burnout em professores durante a pandemia: um estudo longitudinal. *Psicologia em Estudo*, v. 27, n. 1, p. 89-110, 2022.
- MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. *Journal of Organizational Behavior*, v. 2, n. 2, p. 99-113, 1981.
- NASCIMENTO, R. S. et al. Políticas institucionais de suporte à saúde mental dos professores durante a pandemia. *Educação e Pesquisa*, v. 47, e22651, 2021.
- OLIVEIRA, R. C. et al. Ensino remoto emergencial e o desafio da inclusão digital docente. *Educação & Sociedade*, v. 42, e024003, 2021.
- SILVA, D. F. et al. Fatores de resiliência entre professores no contexto pandêmico. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 22, n. 2, p. 235-250, 2020.
- SOUZA, A. C. et al. A tecnologia como desafio e solução no ensino remoto durante a COVID-19. *Revista de Educação Contemporânea*, v. 15, n. 1, p. 45-60, 2020.

CAPÍTULO 3

O TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA DE COVID-19: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E CRIATIVIDADE

Franciele Del Vecchio dos Santos³

Doi:

Resumo: A pandemia de Covid-19 trouxe desafios significativos ao trabalho docente, especialmente com a implementação do ensino remoto emergencial. Este capítulo analisa as estratégias de resistência e inovação desenvolvidas pelos professores durante esse período, destacando práticas pedagógicas inovadoras, redes de apoio profissional e reflexões sobre a criatividade e a formação continuada. O estudo tem como objetivo compreender as respostas dos educadores frente às adversidades, evidenciando o papel central da resiliência e da colaboração no processo de adaptação. A metodologia utilizada foi de natureza bibliográfica e qualitativa, baseada em artigos científicos, relatórios técnicos e documentos institucionais publicados entre 2020 e 2023. Os principais resultados mostram que os professores adotaram metodologias ativas, criaram materiais interativos e utilizaram ferramentas digitais como alternativas para manter o engajamento dos alunos. Além disso, a formação de redes de apoio colaborativas e a busca autônoma por capacitação foram fundamentais para enfrentar a precarização e a sobrecarga do trabalho. Por fim, as discussões evidenciam a necessidade urgente de políticas públicas que valorizem o professor, invistam em infraestrutura tecnológica e promovam a formação continuada, integrando aspectos técnicos e socioemocionais. Conclui-se que, apesar das adversidades, a criatividade e a resiliência dos docentes foram essenciais para garantir a continuidade educacional, servindo como base para a construção de um sistema mais inclusivo e preparado para crises futuras.

Palavras-chave: Trabalho docente; Ensino remoto; Resiliência; Inovação pedagógica.

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)-SP. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910424291047021> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9021-0583>

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 trouxe mudanças drásticas e inesperadas para a realidade social, impactando especialmente a educação. No Brasil, o fechamento das escolas e a implementação do ensino remoto emergencial expuseram fragilidades preexistentes no sistema educacional, como a desigualdade de acesso à tecnologia e as lacunas na infraestrutura das instituições. Tais aspectos colocaram os professores diante de desafios inéditos para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem em condições adversas (Oliveira; Pereira Junior, 2020; CNTE, 2021).

A transição abrupta para o ensino remoto demonstrou a desigualdade educacional do país, evidenciada pela falta de recursos tecnológicos tanto para os professores quanto para os estudantes. Para Oliveira e Pereira Junior (2020), essa situação revelou não apenas as limitações estruturais das escolas, mas também a precarização do trabalho docente, marcada por longas jornadas, falta de suporte institucional e expropriação do tempo livre. Além disso, a adaptação à nova realidade exigiu dos professores uma rápida incorporação de competências digitais, muitas vezes sem capacitação adequada (Silvestre et al., 2023).

Durante a pandemia, a intensificação do trabalho remoto trouxe consequências severas para a saúde mental dos docentes. Estudos destacam que o aumento das demandas de trabalho, somado ao isolamento social, contribuiu para o surgimento de condições como ansiedade, estresse e burnout. O modelo de ensino remoto emergencial também aprofundou a lógica gerencialista no ambiente escolar, intensificando a pressão sobre os professores e ampliando a precarização de suas condições de trabalho (Santos et al., 2023; Oliveira; Clementino, 2021).

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre como os professores reagiram a essas adversidades. A criatividade e a resiliência docente emergiram como fatores essenciais para garantir a continuidade das atividades educacionais. Redes de apoio, metodologias inovadoras e o uso estratégico de tecnologias foram

algumas das respostas que permitiram enfrentar os desafios impostos pela pandemia, demonstrando a capacidade de adaptação do trabalho docente mesmo em cenários de crise (CNTE, 2021).

O impacto da pandemia no trabalho docente transcende o ambiente escolar. Para muitos professores, o ambiente doméstico tornou-se um espaço de trabalho, o que gerou novas dinâmicas e demandas. A falta de separação entre trabalho e vida pessoal agravou a sobrecarga emocional e compromete a qualidade de vida desses profissionais. Estudos apontam que essa realidade também evidenciou a necessidade de uma reflexão sobre a relação entre trabalho, saúde mental e a valorização do professor na sociedade brasileira (Silvestre et al., 2023; Oliveira; Clementino, 2021).

Embora a pandemia tenha exacerbado problemas estruturais, também abriu oportunidades para repensar práticas pedagógicas e modelos educacionais. Os professores, ao lidarem com as limitações do ensino remoto, exploraram novas estratégias de ensino, incluindo o uso de metodologias ativas e ferramentas digitais. Essas experiências podem servir como ponto de partida para a construção de políticas educacionais mais inclusivas e resilientes (Oliveira; Pereira Junior, 2020).

Este capítulo propõe analisar como os professores enfrentaram os desafios do trabalho remoto durante a pandemia, destacando estratégias criativas e redes de apoio que possibilitaram a superação de barreiras. Além disso, busca-se refletir sobre como essas experiências podem contribuir para a transformação do cenário educacional, com foco na valorização do trabalho docente e no fortalecimento da resiliência do sistema educacional brasileiro (CNTE, 2021).

A investigação aqui apresentada também visa compreender como as experiências vividas pelos professores podem ser incorporadas em políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de trabalho docente. A análise das respostas e estratégias dos professores durante a pandemia não se limita a documentar os desafios enfrentados, mas também identifica práticas que possam inspirar avanços na educação (Oliveira; Pereira Junior, 2020).

Portanto, é essencial considerar os impactos estruturais da pandemia na educação brasileira, bem como as lições aprendidas. Compreender as respostas dos professores não é apenas uma forma de reconhecer suas contribuições, mas também um passo fundamental para fortalecer a educação pública no Brasil e garantir sua sustentabilidade em tempos de crise (Oliveira; Clementino, 2021).

Ao longo do texto, serão discutidas as estratégias de resistência adotadas pelos professores, as inovações pedagógicas desenvolvidas e as redes de apoio que possibilitaram a superação das adversidades. Tais reflexões apontam para a importância de investir na valorização docente e na construção de um sistema educacional mais justo e equitativo para todos os envolvidos (CNTE, 2021; Silvestre et al., 2023).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo caracteriza-se como qualitativo de natureza bibliográfica, que visa analisar as estratégias de resistência e inovação no trabalho docente durante a pandemia de Covid-19. A abordagem bibliográfica se justifica por sua capacidade de possibilitar uma análise sistemática de conceitos, dados e estudos já publicados, oferecendo uma reflexão crítica sobre os desafios e as respostas dos educadores no período pandêmico.

De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, como artigos científicos, livros, relatórios técnicos e documentos institucionais. Nesse sentido, foram utilizadas como fontes de dados pesquisas conduzidas por organismos nacionais e internacionais, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), UNESCO e o Gertrado (Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente). Além disso, foram consultados artigos científicos publicados em periódicos revisados, bem como livros e capítulos que abordam temas relacionados ao trabalho docente, resiliência, inovação pedagógica e adaptação em contextos de crise.

A coleta dos materiais foi realizada a partir de uma busca sistemática em bases de dados acadêmicas, como SciELO, Google Acadêmico e CAPES Peri-

ódicos. As palavras-chave utilizadas para a pesquisa incluíram: “*trabalho docente*”, “*resiliência no ensino*”, “*pandemia e educação*”, “*ensino remoto emergencial*”, “*precarização docente*” e “*inovação pedagógica*”. Os critérios de inclusão abrangeram textos publicados entre os anos de 2020 e 2023, garantindo a atualidade e relevância das informações analisadas.

A análise dos materiais foi realizada a partir da técnica de análise qualitativa de conteúdo, proposta por Bardin (2011). Esta técnica permitiu identificar categorias centrais relacionadas ao trabalho docente no contexto da pandemia, como: estratégias inovadoras no ensino remoto, redes de apoio profissional, impactos na saúde mental e a importância da formação continuada.

Durante o processo de análise, os dados foram organizados em eixos temáticos, visando responder ao problema central da pesquisa: *quais foram as estratégias de resistência e inovação adotadas pelos professores para enfrentar os desafios impostos pela pandemia de Covid-19?* Esse questionamento orientou a sistematização das informações em três grandes eixos: estratégias inovadoras para o ensino remoto, redes de apoio profissional e reflexões sobre criatividade e formação continuada.

REFERENCIAL TEÓRICO

A resiliência no contexto educacional é compreendida como a capacidade dos professores de enfrentar, superar e se transformar diante de adversidades inerentes ao ambiente escolar. Barros (2014) destaca que a resiliência permite aos docentes manterem práticas educativas eficazes, mesmo em condições desafiadoras, promovendo um ambiente de aprendizagem positivo.

Fajardo, Minayo e Moreira (2010) exploram a relação entre resiliência e prática docente, enfatizando que a construção de posturas resilientes está intrinsecamente ligada às políticas educacionais e às condições de trabalho oferecidas aos professores. Os autores argumentam que um ambiente de apoio e recursos adequados são fundamentais para o desenvolvimento da resiliência entre educadores.

De acordo com Cabral e Alves (2018), a resiliência no trabalho docente também está diretamente relacionada à saúde mental dos professores. O enfrentamento de situações de sobrecarga e de precarização do trabalho exige uma postura resiliente, sustentada pela construção de redes de apoio e pela valorização profissional.

No que tange à inovação pedagógica, Sobrinho Junior e Mesquita (2022) afirmam que esta não deve ser vista apenas como sinônimo de mudança ou reforma educacional, mas sim como a capacidade de criar, adaptar ou readaptar técnicas e tecnologias — digitais ou não — visando agregar valor ao processo de ensino e aprendizagem. A inovação, nesse sentido, vai além da tecnologia, envolvendo a ressignificação da prática docente.

A integração de tecnologias digitais no ambiente educacional é um aspecto central da inovação pedagógica. Moresi e Ferneda (2022) discutem como as tecnologias digitais podem abrir novos caminhos para a aprendizagem, promovendo metodologias ativas que colocam o estudante como protagonista do seu processo educativo. Entre as principais metodologias estão a sala de aula invertida e a aprendizagem baseada em projetos.

A adaptação em contextos de crise exige dos docentes não apenas resiliência, mas também criatividade e disposição para inovar. Cabral e Alves (2018) ressaltam que a inovação pedagógica, aliada à mudança educativa, é essencial para responder às demandas emergentes em períodos de transformação social e tecnológica. Nesse sentido, as crises funcionam como catalisadoras de mudanças significativas no modo de ensinar.

A pandemia de Covid-19 evidenciou a necessidade de adaptação rápida por parte dos educadores. Oliveira et al. (2021) analisam como o ensino remoto emergencial exigiu a reformulação das práticas pedagógicas, destacando a importância da inovação para manter o engajamento e a motivação dos estudantes em um ambiente virtual. A falta de preparo prévio dos docentes e a carência de infraestrutura digital foram desafios centrais nesse contexto.

Para a autora supracitada, a formação continuada dos professores desempenha um papel crucial na promoção da resiliência e da capacidade de inovação. O autor discute como a educação conectada à era digital requer uma formação docente que integre competências tecnológicas e pedagógicas, preparando os professores para enfrentar os desafios contemporâneos.

Além disso, a formação continuada não deve se limitar à apropriação tecnológica, mas também deve fomentar reflexões críticas sobre o uso dessas ferramentas no ensino. A autonomia do professor para adaptar tecnologias às necessidades do contexto educacional é um fator determinante para a eficácia do ensino remoto e híbrido (Sobrinho Junior; Mesquita, 2022).

Cabral e Alves (2018) ainda destacam que a criatividade é uma das principais ferramentas de superação em períodos de crise. A busca por alternativas para manter a interação e o engajamento dos estudantes, mesmo com limitações tecnológicas, revelou a capacidade inventiva dos docentes. A criação de materiais interativos e o uso de plataformas digitais demonstram o potencial de adaptação dos professores.

A pandemia reforçou, também, a importância das redes de apoio para o fortalecimento da resiliência docente. Oliveira et al. (2021) enfatizam que a troca de experiências entre educadores, por meio de comunidades de prática e formações colaborativas, foi essencial para a superação dos desafios impostos pelo ensino remoto. Essas redes permitem não apenas a partilha de recursos, mas também o acolhimento emocional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Estratégias para o ensino remoto

A implementação do ensino remoto emergencial representou um dos maiores desafios enfrentados pelos docentes durante a pandemia de Covid-19. A necessidade de adaptar práticas pedagógicas tradicionais ao ambiente digital exigiu a adoção de estratégias inovadoras. De acordo com Oliveira et al. (2021), os

professores tiveram que reinventar suas metodologias para manter o engajamento dos alunos, explorando plataformas digitais como Google Classroom, Zoom, Microsoft Teams e aplicativos móveis que permitissem a continuidade das atividades.

Nesse contexto, as metodologias ativas ganharam destaque como alternativas eficazes no ambiente remoto. Práticas como a sala de aula invertida e a aprendizagem baseada em projetos foram amplamente utilizadas, permitindo que os estudantes assumissem um papel mais ativo no processo de aprendizagem. Santos (2023) destaca que essas abordagens foram fundamentais para manter os alunos motivados, mesmo em situações de isolamento social e falta de infraestrutura.

Além disso, outro aspecto importante foi a produção de materiais didáticos interativos. Muitos professores criaram vídeos, podcasts, infográficos e jogos educacionais que tornaram o ensino mais atrativo e adaptado às condições tecnológicas dos alunos. De acordo com a CNTE (2021), essa diversidade de materiais foi essencial para atender estudantes com diferentes níveis de acesso à internet, minimizando as desigualdades no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse aspecto, a avaliação formativa e o uso de feedback contínuo surgiram como práticas essenciais para monitorar o progresso dos estudantes. Ao invés de avaliações tradicionais, os professores adotaram instrumentos mais flexíveis, como atividades em grupo, fóruns de discussão e autoavaliações, o que permitiu uma adaptação às novas realidades do ensino remoto (Oliveira; Clementino, 2021).

Plataformas como WhatsApp e Telegram foram amplamente utilizadas para a distribuição de materiais, esclarecimento de dúvidas e promoção de interações entre professores e alunos. Essa abordagem, embora improvisada, mostrou-se eficiente em contextos em que o acesso a plataformas mais sofisticadas era limitado (Silvestre et al., 2023).

Redes de apoio profissional e capacitações autônomas

A construção de redes de apoio profissional foi fundamental para que os professores enfrentassem as demandas do ensino remoto durante a pandemia. Essas redes, compostas por colegas de profissão, gestores educacionais e instituições de ensino, possibilitaram a troca de experiências e a disseminação de boas práticas pedagógicas. De acordo com Oliveira et al. (2021), comunidades de prática formadas espontaneamente foram espaços fundamentais para o compartilhamento de recursos e estratégias.

Além das redes informais, a participação em capacitações online se tornou uma prática recorrente entre os educadores. Webinários, cursos de curta duração e oficinas virtuais foram organizados por universidades, organizações não governamentais (ONGs) e plataformas educacionais. Essas formações abordaram temas como o uso de tecnologias digitais, metodologias inovadoras e saúde mental no trabalho docente, fortalecendo as competências dos professores para atuarem no ensino remoto (Santos, 2023).

Um exemplo de destaque foi o apoio oferecido por entidades como a UNESCO, que disponibilizaram guias, cursos e materiais gratuitos para ajudar os educadores a navegarem pelos desafios da educação a distância. Esses recursos serviram como suporte técnico e emocional, permitindo que os professores se sentissem mais preparados e menos isolados durante o processo de adaptação (CNTE, 2021).

A autonomia na busca por capacitação também se mostrou uma característica marcante desse período. Muitos professores recorreram a tutoriais, blogs educacionais e fóruns online para aprender de forma independente. De acordo com Silvestre et al. (2023), essa postura proativa evidenciou a determinação dos docentes em garantir a continuidade do aprendizado, mesmo com recursos limitados e sem apoio institucional adequado.

Por outro lado, as parcerias entre escolas e empresas de tecnologia possibilitaram o acesso a ferramentas digitais e plataformas educacionais. Em algumas

redes de ensino, parcerias com ONGs e instituições privadas viabilizaram a distribuição de equipamentos e a melhoria da conectividade, facilitando a execução do trabalho docente. Essas colaborações destacaram a importância do trabalho coletivo para o enfrentamento das crises educacionais (Oliveira; Clementino, 2021).

Reflexões sobre criatividade e formação continuada

A criatividade docente emergiu como uma ferramenta essencial para enfrentar os desafios impostos pela pandemia. Segundo Cabral e Alves (2018), a capacidade de inovar em contextos adversos é um reflexo do compromisso e da resiliência dos professores. A criação de novas abordagens pedagógicas, materiais adaptados e atividades diferenciadas foi determinante para a manutenção do processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a pandemia evidenciou a necessidade urgente de formação continuada para os docentes. Oliveira et al. (2021) ressaltam que muitos professores precisaram aprender rapidamente a usar tecnologias digitais e metodologias inovadoras, expondo lacunas na formação inicial e continuada oferecida pelos sistemas educacionais. Esse cenário reforça a importância de políticas públicas que incentivem a capacitação permanente dos educadores.

A formação continuada deve ser compreendida como um processo que vai além da mera aquisição de competências técnicas. De acordo com Santos (2023), é fundamental que as formações também abordem aspectos socioemocionais, fornecendo suporte para a saúde mental dos professores. O equilíbrio entre desenvolvimento profissional e bem-estar é crucial para garantir a qualidade do trabalho docente.

A pandemia trouxe, ainda, reflexões importantes sobre o papel da criatividade na superação das adversidades. A criação de materiais interativos, a adaptação de atividades para contextos híbridos e a exploração de plataformas digitais demonstraram a inventividade dos educadores. Essas práticas reforçam que a criatividade, aliada ao uso estratégico de recursos tecnológicos, pode transformar a experiência de ensino e aprendizagem (Cabral; Alves, 2018).

Por fim, a valorização do trabalho docente emerge como uma das principais reflexões desse período. A sobrecarga de trabalho, o esgotamento emocional e a precarização das condições laborais reforçam a necessidade de reconhecer e valorizar o papel dos professores. De acordo com Oliveira et al. (2021), investir na formação continuada e na melhoria das condições de trabalho é essencial para que os educadores possam enfrentar futuros desafios com maior resiliência e inovação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, foram discutidas as estratégias inovadoras adotadas no ensino remoto, as redes de apoio profissional que emergiram nesse período e as reflexões sobre a criatividade e a formação continuada. Esses eixos apontam para a resiliência e a capacidade de reinvenção dos professores como elementos centrais para a continuidade do processo educativo em meio à crise.

As estratégias inovadoras destacaram-se como respostas fundamentais aos desafios do ensino remoto emergencial. O uso de metodologias ativas, a criação de materiais interativos e a exploração de ferramentas digitais demonstraram a capacidade dos docentes de transformar limitações em oportunidades. No entanto, essas inovações ocorreram muitas vezes sem o suporte necessário, evidenciando a urgência de investimentos em formação continuada e infraestrutura tecnológica para garantir condições mais equitativas de ensino.

As redes de apoio profissional foram outro elemento crucial na superação das adversidades. A formação de comunidades de prática, a realização de capacitações online e a busca autônoma por conhecimento revelaram o poder da colaboração entre educadores. Essas redes não apenas possibilitaram a troca de experiências, mas também forneceram um espaço de acolhimento emocional, fundamental para enfrentar os impactos da sobrecarga de trabalho e do isolamento social.

A pandemia também reforçou a importância da criatividade e da formação continuada como ferramentas para a construção de uma educação mais resiliente.

A capacidade dos professores de inovar em situações adversas destacou a necessidade de políticas públicas que promovam a valorização docente e o desenvolvimento de competências socioemocionais e tecnológicas. A formação continuada deve ser vista como um processo integrado, que abrange tanto o aprimoramento técnico quanto o suporte emocional, garantindo a qualidade e a sustentabilidade do trabalho docente.

Entre as propostas de iniciativas, destaca-se a necessidade de investimentos em infraestrutura tecnológica, capacitação docente e ampliação de políticas públicas que reconheçam e valorizem o papel dos professores. Parcerias entre governos, instituições educacionais e empresas de tecnologia podem contribuir para a superação das desigualdades no acesso às ferramentas digitais, ampliando as possibilidades de inovação pedagógica. Além disso, é essencial fortalecer as redes de apoio profissional, promovendo comunidades de prática permanentes e incentivando a troca de experiências entre educadores. Essas redes podem ser institucionalizadas como parte de políticas de valorização docente, criando espaços para colaboração, aprendizado e suporte emocional.

No longo prazo, a pandemia deixa um legado importante para a educação: a necessidade de repensar modelos pedagógicos, priorizando práticas inclusivas, inovadoras e centradas no estudante. O aprendizado adquirido nesse período deve servir como base para a construção de um sistema educacional mais resiliente, preparado para enfrentar crises futuras e garantir o direito à educação de qualidade para todos. Por fim, a valorização do professor emerge como um imperativo. É preciso reconhecer o papel central dos educadores no enfrentamento das crises e investir em políticas que promovam sua dignidade e bem-estar. A superação dos desafios impostos pela pandemia reafirma a importância de um sistema educacional que não apenas valorize os professores, mas também os empodere como agentes de transformação social.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. G. **Resiliência e trabalho docente: desafios contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2014.

CABRAL, A. C.; ALVES, P. C. **Inovação pedagógica e adaptação em contextos de crise**. Curitiba: Appris, 2018.

CNTE – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. CNTE. **Trabalho docente em tempos de pandemia: Relatório técnico**. Belo Horizonte: CNTE, 2021.

FAJARDO, A. P.; MINAYO, M. C.; MOREIRA, M. C. **Resiliência e prática docente: um estudo sobre políticas educacionais**. Educação e Sociedade, v. 31, n. 112, p. 1031-1049, 2010.

MORESI, L. F.; FERNEDA, E. **Tecnologias digitais e inovação na educação contemporânea**. Revista Brasileira de Tecnologias Educativas, v. 12, p. 45-60, 2022.

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E. A.; CLEMENTINO, A. M. **Trabalho docente em tempos de pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antônio. **Trabalho docente em tempos de pandemia: outro retrato da desigualdade educacional brasileira**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; CLEMENTINO, Ana Maria. **Trabalho docente em tempos de pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

SILVESTRE, Bruno Modesto et al. **Trabalho docente e ensino remoto emergencial: extensão da jornada de trabalho e expropriação do tempo livre**. Revista Brasileira de Educação, v. 28, 2023.

SOBRINHO JUNIOR, J. M.; MESQUITA, T. A. **Inovação pedagógica e ressignificação das práticas docentes**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CAPÍTULO 4

DESAFIOS ESTRUTURAIS E IMPACTOS PSICOLÓGICOS AO TRABALHO DO- CENTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Franciele Del Vecchio dos Santos⁴

Doi:

Resumo: A pandemia de COVID-19 transformou o cenário educacional brasileiro, intensificando as desigualdades estruturais e a precarização do trabalho docente. Este artigo tem como objetivo analisar os impactos dessa crise, destacando os desafios estruturais e psicológicos enfrentados pelos professores durante o ensino remoto emergencial (ERE). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseada na análise de relatórios técnicos e estudos, com destaque para a pesquisa “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia”, realizada pelo Gestrado/UFMG e CNTE. Os principais resultados apontam que a falta de infraestrutura tecnológica, a exclusão digital e a ausência de formação específica limitaram a capacidade dos professores de atender às demandas do ensino remoto, especialmente em redes públicas e áreas rurais. Além disso, a sobrecarga de trabalho, o isolamento social e a insegurança em relação à saúde intensificaram os impactos psicológicos, com aumento de casos de estresse, ansiedade e burnout entre os docentes. Apesar das adversidades, os professores demonstraram resiliência, utilizando estratégias criativas e redes de apoio para superar os desafios. Contudo, essas iniciativas não foram suficientes para mitigar os efeitos da precarização. Conclui-se ressaltando a necessidade de políticas públicas voltadas à valorização do trabalho docente, com investimentos em infraestrutura, formação continuada e suporte psicológico, visando a construção de um sistema educacional mais justo, equitativo e preparado para crises futuras.

Palavras-chaves: Trabalho Docente; Ensino Remoto Emergencial; Desigualdades Educacionais; Saúde Mental.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)-SP. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910424291047021> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9021-0583>

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma pandemia, desencadeando mudanças abruptas nas rotinas diárias e impactando profundamente as estruturas sociais, econômicas e educacionais em escala global (OMS, 2020). No Brasil, o fechamento das escolas e a transição para o Ensino Remoto Emergencial (ERE) revelaram e intensificaram desigualdades históricas no sistema educacional, expondo os professores a novos níveis de precarização em seu trabalho (Oliveira; Pereira Junior, 2020).

Diferentemente do Ensino a Distância (EaD), regulamentado e estruturado previamente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), o ERE surgiu como uma medida temporária para mitigar os impactos da crise sanitária (Hodges et al., 2020). Embora compartilhe o uso de tecnologias digitais com o EaD, o ERE buscou adaptar metodologias e práticas do ensino presencial a um ambiente virtual (Costa, 2020). Essa adaptação forçada colocou os professores na linha de frente de mudanças pedagógicas profundas, exigindo rápidas adaptações metodológicas e tecnológicas.

A implementação do ERE revelou desafios significativos para professores e alunos. Entre eles, destacam-se a falta de infraestrutura tecnológica adequada, a exclusão digital e a necessidade de adaptação rápida às novas ferramentas de ensino, como plataformas digitais e aplicativos de comunicação. Segundo Oliveira e Pereira Junior (2020), as desigualdades no acesso à internet e dispositivos ampliaram as barreiras educacionais, especialmente em regiões mais vulneráveis.

Esses desafios também alteraram profundamente a dinâmica do trabalho docente. Professores tiveram que reorganizar materiais pedagógicos, criar ambientes virtuais de aprendizado e aprender rapidamente a utilizar ferramentas digitais (Silva, 2020). A interação com os alunos, mediada exclusivamente por tecnologia, dificultou a manutenção do vínculo educacional. Como observado por Martins e Oliveira (2021), “a ausência do ambiente físico da sala de aula trouxe desafios na gestão de sala, na avaliação e na construção de relacionamentos significativos com os estudantes”.

O trabalho docente, inserido na lógica do sistema capitalista, vai além do ato de ensinar, englobando mediações entre políticas educacionais, conteúdos curriculares e as particularidades concretas dos indivíduos. Segundo Oliveira (2004), a prática docente não se limita à transmissão de conhecimento, mas envolve cuidado, atenção e interações interpessoais que são centrais ao ambiente escolar. Durante a pandemia, esses elementos foram desafiados por novos entraves, como o ensino remoto e a desconexão física entre professores e alunos.

A suspensão das aulas presenciais evidenciou desigualdades estruturais significativas. Dados do Instituto Península (2020) mostram que 58% dos domicílios brasileiros não possuem computador, e 33% carecem de acesso à internet, limitando o alcance do ensino remoto. Essa exclusão digital afetou especialmente a rede pública, que enfrentou dificuldades para garantir a continuidade das atividades pedagógicas. Para os professores, a transição para o ensino remoto exigiu rápidas adaptações metodológicas e domínio de tecnologias digitais, frequentemente sem suporte técnico ou formação específica (CNTE, 2021).

Além dos desafios estruturais, a pandemia trouxe impactos psicológicos profundos. A sobrecarga de trabalho e o isolamento social, somados à insegurança em relação à saúde própria e de familiares, resultaram em altos níveis de estresse e burnout entre os docentes (Península, 2020; Oliveira; Pereira Junior, 2020). A desconexão com os alunos, elemento essencial da prática pedagógica, intensificou o desgaste emocional dos professores.

Apesar das adversidades, os educadores demonstraram resiliência ao buscar estratégias criativas para superar os desafios, como o uso de redes de apoio e metodologias inovadoras. No entanto, essas iniciativas não foram suficientes para mitigar os efeitos da precarização, evidenciando a necessidade de políticas públicas que promovam melhores condições de trabalho e maior suporte aos educadores (CNTE, 2021). Ao refletir sobre esses impactos, espera-se contribuir para o debate sobre a valorização do trabalho docente e a construção de políticas públicas que promovam um sistema educacional mais justo e preparado para futuras crises.

Aspectos metodológicos

O presente artigo é categorizado como bibliográfico, focando na análise e síntese de estudos e publicações preexistentes sobre as transformações no setor educacional brasileiro em resposta às demandas de distanciamento social e segurança sanitária devido à pandemia. Não houve coleta de dados empíricos, conforme a abordagem indicada por Creswell (2014).

Entre as principais fontes analisadas, destacam-se relatórios técnicos e estudos conduzidos por instituições como a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), o Instituto Península e o Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFGM). Dentre essas, a pesquisa intitulada “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia”, realizada pelo Gestrado/UFGM em parceria com a CNTE, foi escolhida como base para este estudo devido à sua abrangência e relevância. Conduzida entre 8 e 30 de junho de 2020, essa pesquisa contou com a participação de 15.654 docentes de diferentes regiões do Brasil, englobando profissionais da educação infantil, ensino fundamental e educação de jovens e adultos.

A escolha desta pesquisa como principal fonte de dados deve-se à sua capacidade de oferecer um panorama diversificado sobre as condições de trabalho docente durante a pandemia. Os dados foram submetidos a análises estatísticas descritivas, considerando variáveis como localização geográfica, nível de ensino e características demográficas dos participantes. Esses fatores permitiram identificar tendências, padrões e discrepâncias nas respostas dos docentes, fornecendo insights detalhados sobre as diferentes realidades enfrentadas pelos educadores brasileiros nesse período.

A análise privilegiou temas como o impacto da pandemia nas práticas pedagógicas, as condições de trabalho e a saúde mental dos docentes, além de explorar as estratégias adaptativas desenvolvidas pelos educadores em resposta aos desafios impostos pelo ensino remoto. Foram abordados diferentes aspectos

relacionados à Educação Básica e ao trabalho docente no contexto pandêmico, incluindo fatores socioeconômicos, remuneração, autonomia profissional e formação docente.

Por fim, a metodologia adotada buscou identificar temas recorrentes, como precarização do trabalho docente, impactos psicológicos e desigualdades estruturais no ensino remoto emergencial. A partir dessa revisão, procurou-se estabelecer uma visão crítica e reflexiva sobre os desafios enfrentados pelos professores durante a pandemia, com base em interpretações teóricas e dados consolidados na literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pandemia de COVID-19 transformou radicalmente o cenário educacional brasileiro, evidenciando desafios que vão além das práticas pedagógicas. A partir da análise dos dados e da literatura revisada, emergem dois grandes eixos que sintetizam os principais impactos enfrentados pelos docentes: os desafios estruturais, relacionados às condições materiais e tecnológicas do ensino remoto, e os desafios psicológicos, que abrangem os impactos emocionais e a saúde mental dos professores. Esses aspectos, interligados e agravados pelas desigualdades históricas do sistema educacional, oferecem um panorama das condições de trabalho docente durante a pandemia, revelando a urgência de políticas públicas que promovam suporte adequado e valorização profissional.

Desafios Estruturais

A pandemia de COVID-19 evidenciou e aprofundou desigualdades estruturais já presentes no sistema educacional brasileiro, especialmente no que se refere às condições de acesso à tecnologia e à infraestrutura das escolas. Em um período um pouco superior a três semanas, aproximadamente 1,4 bilhão de estudantes foram impedidos de frequentar a escola em mais de 156 nações (World Bank, 2021). Na América Latina e no Caribe, a COVID-19 interrompeu a educa-

ção de mais de 137 milhões de crianças e adolescentes, destacando os impactos severos da pandemia na região (UNICEF, 2020). Esse cenário global evidenciou que nenhum sistema educacional estava adequadamente preparado para enfrentar a situação extraordinária causada pela pandemia.

A transição forçada para o ensino remoto emergencial também destacou a relevância das condições de moradia como fator determinante para o acesso à educação. Residências com espaços inadequados para estudo, muitas vezes compartilhadas por vários membros da família, tornaram o processo de ensino-aprendizagem ainda mais desafiador. Essa realidade foi agravada em comunidades de baixa renda, onde o ambiente doméstico não oferece condições mínimas para o ensino remoto. Como observado por Oliveira, Junior e Clementino (2021), a ausência de um espaço tranquilo para estudos em casa impactou tanto os estudantes quanto os professores, que enfrentaram dificuldades para ministrar aulas em meio a responsabilidades domésticas e limitações de infraestrutura.

No Brasil, as condições de infraestrutura variam amplamente entre áreas urbanas e rurais. Enquanto 86,4% das escolas rurais contam com acesso à água potável, apenas 92,5% possuem sistemas de esgoto e 91,8% têm energia elétrica (Censo Escolar, 2019). Essas desigualdades refletem a dificuldade histórica em garantir condições adequadas para o ensino, que se agravou durante a pandemia. Além disso, as condições de moradia dos docentes e dos estudantes passaram a desempenhar um papel crucial no acesso à educação, substituindo a centralidade que antes era dada aos laboratórios de informática nas escolas (Oliveira; Junior; Clementino, 2021).

Embora o ensino remoto tenha se tornado o principal meio de continuidade pedagógica durante a pandemia, as desigualdades regionais ficaram ainda mais evidentes. Nas áreas rurais, onde o acesso à internet e a dispositivos tecnológicos já era limitado antes da pandemia, o ensino remoto se mostrou praticamente inviável para muitas comunidades. De acordo com o Censo Escolar (2019), 14% das escolas rurais brasileiras não possuem acesso à água potável, enquanto quase 8% carecem de energia elétrica, dificultando inclusive

a implementação de soluções tecnológicas básicas. Essas lacunas reforçam as disparidades históricas entre as regiões urbanas e rurais, revelando um desafio estrutural persistente no sistema educacional brasileiro.

A falta de formação específica para o uso de tecnologias digitais foi outro desafio crítico. Apenas 28,9% dos professores entrevistados relataram sentir facilidade no uso dessas tecnologias. A situação foi ainda mais alarmante nas redes municipais de ensino, onde 53,6% dos professores não receberam qualquer tipo de formação, contrastando com os 24,6% das redes estaduais que enfrentaram o mesmo problema (GESTRADO/CNTE, 2021). Essa formação deficiente limitou a capacidade dos docentes de lidar com as exigências tecnológicas impostas pelo ensino remoto, resultando em desigualdades no próprio processo de ensino.

Além das aulas remotas, os professores enfrentaram um aumento significativo nas tarefas administrativas e pedagógicas. Durante a pandemia, nove em cada dez professores elaboraram atividades para serem enviadas aos estudantes, enquanto 63,7% corrigiam trabalhos remotamente e 75% participavam de reuniões com gestores escolares (GESTRADO/CNTE, 2021). Essa multiplicidade de funções contribuiu para a sobrecarga de trabalho relatada por 67% dos docentes (Gestrado/UFGM, 2020).

Mesmo com a gradual retomada das aulas presenciais em algumas regiões, as condições de infraestrutura das escolas continuaram a ser um obstáculo significativo. Segundo o UNICEF (2020), quatro em cada dez escolas na América Latina carecem de instalações básicas para a higiene das mãos, uma medida fundamental para o controle da pandemia. No Brasil, muitas escolas reabriram sem condições adequadas de ventilação ou espaços suficientes para o distanciamento físico. Esses problemas não apenas dificultaram a implementação de protocolos de segurança sanitária, mas também expuseram alunos e professores a riscos desnecessários, evidenciando a necessidade de investimentos estruturais urgentes para garantir um ambiente seguro e saudável para a comunidade escolar.

A falta de um planejamento nacional consistente deixou muitas escolas dependentes de iniciativas locais ou da boa vontade de professores e gestores para

garantir a continuidade do ensino. Essa ausência de coordenação centralizada resultou em uma abordagem fragmentada, com algumas regiões conseguindo implementar estratégias mais eficazes, enquanto outras ficaram sem suporte algum. Por exemplo, enquanto algumas redes de ensino urbanas adotaram plataformas tecnológicas com apoio técnico e formação para os professores, muitas escolas em regiões remotas dependeram exclusivamente de materiais impressos e canais de televisão pública para alcançar seus alunos. Essa dependência de soluções improvisadas aprofundou as desigualdades e reforçou a precariedade do sistema educacional, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

Por fim, as disparidades evidenciadas pela pandemia refletem desafios históricos do sistema educacional brasileiro. Esses problemas não apenas limitaram a capacidade de resposta imediata à crise, mas também reforçaram a urgência de políticas públicas consistentes que reduzam as desigualdades e invistam na infraestrutura necessária para garantir uma educação mais equitativa e resiliente em cenários futuros.

Impactos Psicológicos

A pandemia de COVID-19 trouxe não apenas desafios estruturais, mas também impactos psicológicos profundos para os professores, que enfrentaram sobrecarga de trabalho, isolamento social e incertezas constantes. Essas condições, associadas às mudanças abruptas no ambiente de trabalho e às novas demandas profissionais, contribuíram significativamente para o aumento de casos de estresse, ansiedade e burnout na categoria docente.

Segundo a pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE, 2021), 89% dos professores relataram que a pandemia aumentou a carga de trabalho, enquanto 81% destacaram que esse aumento teve impacto direto na saúde mental. Entre os fatores mais mencionados, estão as dificuldades em conciliar a rotina do ensino remoto com as demandas familiares e o medo constante de contaminação. Como afirmam Oliveira e Pereira Junior

(2020), “a intensificação do trabalho docente durante a pandemia expôs os educadores a uma pressão sem precedentes, transformando a sobrecarga em um dos maiores desafios enfrentados pela categoria”.

A pesquisa do Instituto Península (2020) revelou que 66% dos docentes sentiram-se emocionalmente despreparados para lidar com a nova realidade. Muitos relataram frustração e exaustão devido à sensação de não atender plenamente às necessidades dos alunos. Esse sentimento foi exacerbado pela desconexão física com os estudantes, que comprometeu uma dimensão central do trabalho pedagógico: o vínculo relacional. Uma professora participante da pesquisa relatou: “A distância dos alunos me fez sentir incapaz. Não era só o conteúdo, era o contato humano que estava faltando”.

Além disso, é necessário considerar a desigualdade de gênero nos impactos psicológicos. Docentes mulheres, que constituem a maioria na educação básica, enfrentaram um peso adicional devido às responsabilidades domésticas e de cuidado intensificadas pelo período de isolamento. Segundo os dados da Península (2020), 74% das professoras relataram dificuldades em equilibrar as demandas profissionais e pessoais, o que ampliou os níveis de desgaste emocional.

Embora redes de apoio entre os professores tenham surgido como tentativa de mitigar esses impactos, elas não foram suficientes frente à magnitude do problema. A falta de políticas públicas voltadas para o suporte psicológico aos educadores deixou muitos profissionais desamparados em meio à crise. Como apontam Oliveira e Pereira Junior (2020), “o descaso com as condições emocionais dos docentes reflete a histórica desvalorização do trabalho docente no Brasil”.

Por fim, a combinação de estresse contínuo, isolamento social e pressão profissional evidenciou a necessidade urgente de investir em políticas de valorização do trabalho docente que contemplem a saúde mental como prioridade. Medidas como a criação de programas de suporte psicológico, somadas a ações que reduzam a sobrecarga e promovam melhores condições de trabalho, são essenciais para evitar o agravamento dos problemas emocionais enfrentados pelos educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 exacerbou as desigualdades estruturais do sistema educacional brasileiro e intensificou a precarização do trabalho docente. Professores enfrentaram desafios sem precedentes, desde a falta de infraestrutura tecnológica até a sobrecarga de trabalho e o impacto psicológico decorrente do isolamento social e das novas demandas pedagógicas. Esses fatores evidenciaram tanto a fragilidade do sistema quanto a resiliência dos educadores.

Os dados apresentados ao longo deste artigo demonstram que a exclusão digital, a falta de suporte técnico e a ausência de políticas públicas amplificaram as dificuldades enfrentadas pelos docentes, especialmente aqueles inseridos nas redes públicas de ensino e em contextos socioeconômicos vulneráveis. Além disso, a pandemia destacou a necessidade urgente de considerar a saúde mental dos professores como um aspecto central na valorização da profissão. A intensificação do trabalho e a desconexão física com os alunos não apenas afetaram o desempenho profissional, mas também comprometeram o bem-estar emocional dos educadores.

Apesar das adversidades, a criatividade e a dedicação dos professores foram evidentes em suas tentativas de superar os desafios impostos pela crise. Redes de apoio, capacitações autônomas e metodologias inovadoras surgiram como alternativas, ainda que insuficientes. Para que essas iniciativas sejam sustentáveis e eficazes, é indispensável que sejam acompanhadas por políticas públicas que priorizem o investimento em infraestrutura educacional, formação contínua e suporte psicológico.

Portanto, o presente artigo reafirma a necessidade de um compromisso político e social com a valorização do trabalho docente. Superar a precarização exige não apenas o reconhecimento do papel central dos professores na sociedade, mas também ações concretas para garantir condições de trabalho dignas e um sistema educacional mais equitativo e preparado para enfrentar crises futuras.

REFERÊNCIAS

CNTE – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**. Belo Horizonte: CNTE, 2021.

CRESWELL, J. W. **Research design**: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil**. São Paulo: Instituto Península, 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson; CLEMENTINO, Ana Maria. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**: Relatório Técnico. Belo Horizonte: Gestrado/UFGM, 2021.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 16 dez. 2024.

RESSIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO EDUCACIONAL

*Gracielle Almeida de Aguiar⁵
Franciele Del Vecchio dos Santos⁶*

O caminho percorrido ao longo deste livro evidenciou como a pandemia de COVID-19 foi um divisor de águas para a educação e para a saúde mental de docentes e estudantes. Muito além de uma crise sanitária, a pandemia revelou profundas desigualdades e fragilidades no sistema educacional, ao mesmo tempo em que trouxe à tona a necessidade de repensar práticas, relações e políticas para o ensino. Diante dos desafios enfrentados, emergiu uma pergunta essencial: que lições podemos tirar desse período de turbulência e como podemos aplicá-las para construir um futuro mais humano e sustentável na educação?

A primeira grande lição reside na importância de enxergar o processo educativo de maneira integral. Ao longo dos capítulos, exploramos como o ensino remoto emergencial, apesar de ser uma resposta necessária, acentuou desigualdades de acesso e escancarou a precariedade das condições de trabalho docente. Professores foram sobrecarregados, tendo que conciliar demandas tecnológicas, pedagógicas e emocionais em um contexto de incertezas e angústias. Estudantes, por sua vez, enfrentaram desafios relacionados ao isolamento, à desmotivação e à sobrecarga mental. Esse cenário nos faz refletir sobre como políticas públicas e práticas escolares precisam estar atentas não apenas ao ensino de conteúdos, mas também ao bem-estar daqueles que fazem a escola acontecer.

A segunda lição é sobre resiliência e transformação. Se a pandemia trouxe desafios inéditos, também nos mostrou a incrível capacidade de adaptação de professores e estudantes. Em meio a tantas dificuldades, foram criadas novas formas de ensinar, aprender e se relacionar. O uso de tecnologias ganhou protagonismo, mas também revelou seus limites, reforçando que a educação é, essencialmente,

⁵ Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria-RS. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4034786682126010>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1413-948X>.

⁶ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)-SP. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910424291047021> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9021-0583>

um processo humano. Mais do que nunca, ficou claro que o vínculo entre professores e estudantes é a base de qualquer aprendizagem significativa e que nenhum recurso tecnológico pode substituir a interação humana.

A terceira lição é a urgência de cuidar de quem cuida. O trabalho docente, historicamente desvalorizado, mostrou-se ainda mais essencial no contexto da pandemia. No entanto, também ficou evidente o custo emocional que esse trabalho tem para aqueles que o realizam. Não podemos mais ignorar os sinais de esgotamento, estresse e adoecimento mental entre os professores. Investir na saúde mental dos docentes e criar condições adequadas para o exercício da profissão não é apenas uma questão de justiça, mas também uma estratégia para garantir a qualidade da educação.

Por fim, ao retornarmos às salas de aula, percebemos que o período pós-pandêmico traz novos desafios, mas também uma oportunidade única de ressignificar o papel da escola e do trabalho docente. Precisamos avançar em direção a um modelo educacional mais inclusivo, que reconheça e valorize a diversidade, promova o bem-estar e construa uma cultura de acolhimento. Isso exige esforços coletivos: de governos, escolas, famílias e comunidades.

Concluir esta obra é, ao mesmo tempo, um momento de reflexão e de esperança. O que vivemos nos últimos anos nos mostrou que a educação não é apenas um espaço de transmissão de saberes, mas também um pilar essencial para a formação de sujeitos críticos, solidários e resilientes. Que este livro inspire gestores, professores, pesquisadores e demais agentes educacionais a olhar para a educação com mais sensibilidade e compromisso.

Ainda há muito a ser feito, mas a pandemia também nos deu a oportunidade de reimaginar a educação em bases mais humanas e solidárias. Que possamos aproveitar este momento para construir escolas que não apenas transmitam conhecimento, mas que também sejam espaços de transformação, inclusão e cuidado. Porque, ao final, é na interseção entre ensino e humanidade que encontramos o verdadeiro sentido da educação.

Seguimos em frente, com a certeza de que o futuro da educação depende de escolhas feitas no presente para que possamos escolher o caminho da empatia, do respeito e da valorização do trabalho docente e da saúde mental de todos que constroem, dia a dia, o universo da educação.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, M. G. **Resiliência e trabalho docente: desafios contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2014.

CABRAL, A. C.; ALVES, P. C. **Inovação pedagógica e adaptação em contextos de crise**. Curitiba: Appris, 2018.

CNTE – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. CNTE. **Trabalho docente em tempos de pandemia: Relatório técnico**. Belo Horizonte: CNTE, 2021.

CNTE – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**. Belo Horizonte: CNTE, 2021.

COSTA, A.; MENDES, R. Impactos do ensino remoto emergencial no desempenho acadêmico dos estudantes: um estudo durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. 4, p. 34-49, 2021.

COSTA, M. L. et al. Impactos do isolamento social na saúde mental docente durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. 4, p. 123-145, 2021.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

FAJARDO, A. P.; MINAYO, M. C.; MOREIRA, M. C. **Resiliência e prática docente: um estudo sobre políticas educacionais**. *Educação e Sociedade*, v. 31, n. 112, p. 1031-1049, 2010.

FERREIRA, L.; SANTOS, P.; OLIVEIRA, M. Metodologias ativas no ensino remoto: um estudo sobre gamificação e aprendizagem baseada em projetos. *Educação e Pesquisa*, v. 49, n. 2, p. 120-135, 2023.

FIGUEIREDO, A. M. et al. Burnout em professores durante a pandemia: um estudo longitudinal. *Psicologia em Estudo*, v. 27, n. 1, p. 89-110, 2022.

GIL, AC Métodos e técnicas de pesquisa social. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2024.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil**. São Paulo: Instituto Península, 2020.

LIMA, J.; SILVA, M.; CARVALHO, R. Impactos emocionais e pedagógicos do ensino remoto nos docentes durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 1, pág. 45-62, 2023.

LIMA, J.; SILVA, R.; OLIVEIRA, F. Exclusão digital e desigualdades educacionais em tempos de pandemia: desafios e perspectivas. *Revista de Estudos Sociais e Educacionais*, v. 18, n. 1, p. 22-39, 2022.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. *Journal of Organizational Behavior*, v. 2, n. 2, p. 99-113, 1981.

MORESI, L. F.; FERNEDA, E. **Tecnologias digitais e inovação na educação contemporânea**. *Revista Brasileira de Tecnologias Educativas*, v. 12, p. 45-60, 2022.

NASCIMENTO, R. S. et al. Políticas institucionais de suporte à saúde mental dos professores durante a pandemia. *Educação e Pesquisa*, v. 47, e22651, 2021.

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E. A.; CLEMENTINO, A. M. **Trabalho docente em tempos de pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; CLEMENTINO, Ana Maria. **Trabalho docente em tempos de pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antônio. **Trabalho docente em tempos de pandemia: outro retrato da desigualdade educacional brasileira**. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson; CLEMENTINO, Ana Maria. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**: Relatório Técnico. Belo Horizonte: Gestrado/UFMG, 2021.

OLIVEIRA, R. C. et al. Ensino remoto emergencial e o desafio da inclusão digital docente. *Educação & Sociedade*, v. 42, e024003, 2021.

OLIVEIRA, T.; SILVA, C.; CARVALHO, D. Vulnerabilidades sociais e saúde mental de estudantes no contexto da pandemia de COVID-19. *Psicologia & Educação*, v. 34, n. 3, p. 78-95, 2022.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SANTOS, A.; RIBEIRO, F. Saúde mental dos professores em tempos de pandemia: desafios e perspectivas para o futuro. *Psicologia e Educação*, v. 02, n. 3, p. 27-41, 2022.

SILVA, D. F. et al. Fatores de resiliência entre professores no contexto pandêmico. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 22, n. 2, p. 235-250, 2020.

SILVA, M.; ALMEIDA, G.; COSTA, L. Saúde mental de estudantes durante a pandemia: um estudo longitudinal. *Psicologia em Foco*, v. 27, n. 3, p. 56-71, 2021.

SILVESTRE, Bruno Modesto et al. **Trabalho docente e ensino remoto emergencial: extensão da jornada de trabalho e expropriação do tempo livre**. Revista Brasileira de Educação, v. 28, 2023.

SOBRINHO JUNIOR, J. M.; MESQUITA, T. A. **Inovação pedagógica e ressignificação das práticas docentes**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

SOUZA, A. C. et al. A tecnologia como desafio e solução no ensino remoto durante a COVID-19. *Revista de Educação Contemporânea*, v. 15, n. 1, p. 45-60, 2020.

SOUZA, JF; PEREIRA, MR Impactos do ensino remoto na saúde mental dos docentes durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, v. 4, pág. 45-59, 2021.

SOUZA, P.; OLIVEIRA, T. Adaptação tecnológica e saúde emocional: o ensino remoto emergencial sob a ótica dos professores. *Cadernos de Pesquisa Educacional*, v. 2, pág. 89-105, 2022.

SOUZA, R.; ALMEIDA, P. Ansiedade, depressão e incerteza: reflexões sobre a saúde mental de estudantes no ensino remoto emergencial. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 28, n. 1, p. 44-60, 2023.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Franciele del Vecchio dos Santos

Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela UNESP (2007-2011), com formações adicionais em Pedagogia e Geografia pelo Centro Universitário Cidade Verde (2022-2024). Possui Mestrado (2014-2016) e Doutorado (2018-2023) em Educação Escolar pela UNESP, além de especializações em Ética, Valores e Cidadania (USP, 2013-2015) e em Processos Didáticos Pedagógicos para EAD (UNIVESP, 2021-2023). Atualmente integra o Grupo de Pesquisa “Trabalho Docente, suas relações com o universo escolar e a sociedade”, da UNESP- Araraquara/SP.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910424291047021>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9021-0583>

Gracielle Almeida de Aguiar

Graduada em Psicóloga pela Faculdade Integrada de Santa Maria-RS (FISMA). Mestranda em Psicologia, pela Universidade Federal de Santa Maria-RS (UFSM). Especialista em Gestão de Saúde Mental e em Saúde Coletiva. Atualmente cursa o Programa Especial de Graduação de Formação de Professores, pela UFSM, no qual é representante discente. Sobre sua trajetória profissional, possui experiência em atendimento clínico de discente de graduação e pós-graduação. Atuou como psicóloga educacional e social (CRAS e CREAS) em diferentes municípios do rio Grande do Sul.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4034786682126010>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1413-948X>

TRABALHO DOCENTE E SAÚDE MENTAL

TRAJETÓRIAS DA EDUCAÇÃO PÓS PANDEMIA

www.terried.com
contato@terried.com
(55) 99656-1914

